

OBRAS COMPLETAS

TEIXEIRA DE PASCOAES

REGRESSO
AO PARAÍSO

5.º VOLUME

(EDIÇÃO DO AUTOR)



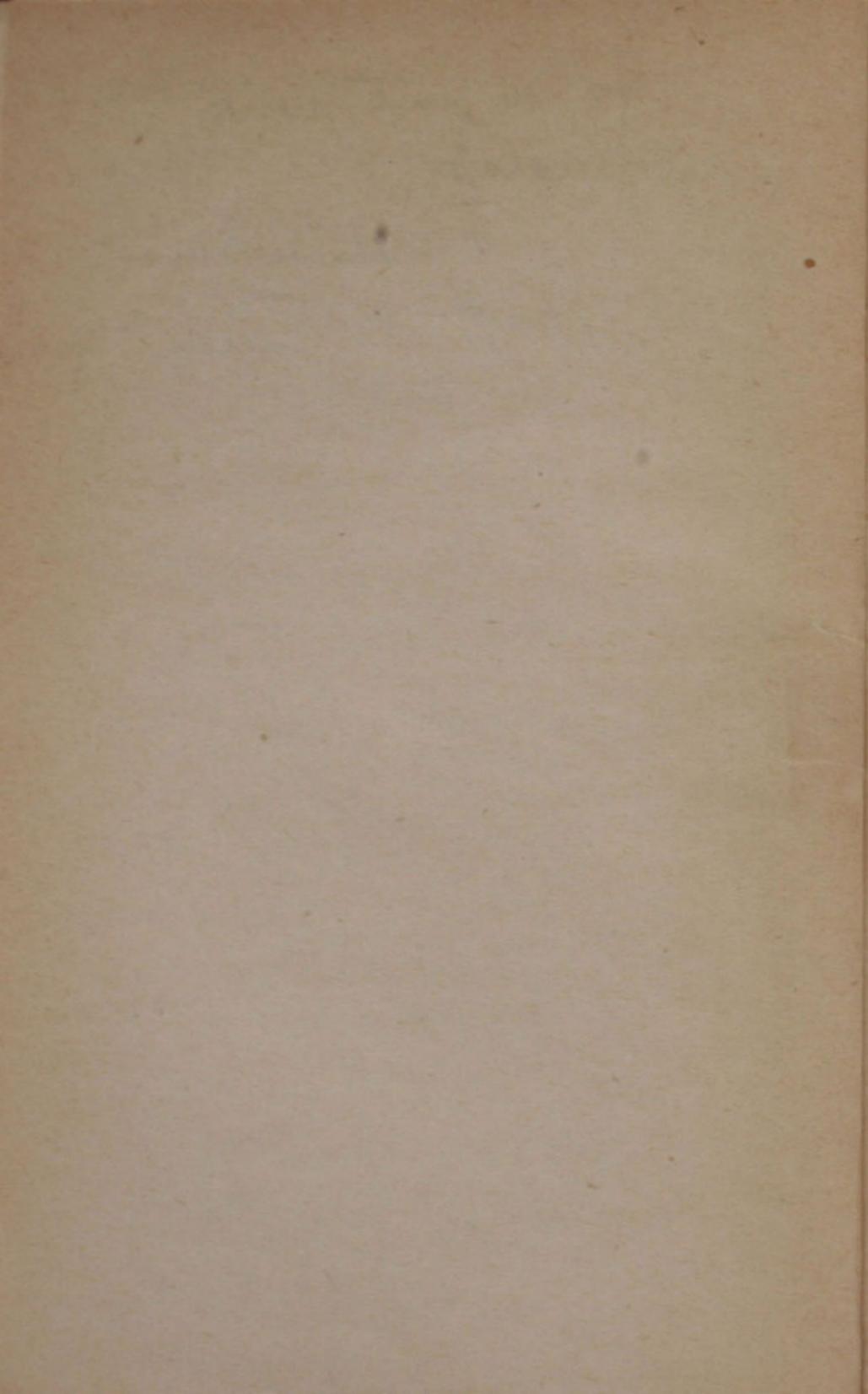
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS — LISBOA



As seu muito querido
Camarado,

Fernando Pessoa
off - Fernando Pessoa



REGRESSO AO PARAÍSO

OBRAS COMPLETAS DO AUTOR

EM VERSO

- Vol. I — SEMPRE, TERRA PROÍBIDA
» II — AS SOMBRAS, O DOIDO E A MORTE, SENHORA DA NOITE
» III — CANTOS INDECISOS, VIDA ETÉREA, ELEGIAS
» IV — MARÁÑOS
» V — REGRESSO AO PARAÍSO
» VI — D. CARLOS, CÂNTICOS, LONDRES

EM PROSA

- » VII — VERBO ESCURO, A BEIRA (NUM RELÂMPAGO)
» VIII — O BAILADO, O POBRE TOLO
» IX — ARTE DE SER PORTUGUÊS, OS POETAS LUSÍADAS
» X — CONFERÊNCIAS E ARTIGOS
» XI — LIVRO DE MEMÓRIAS

OBRAS COMPLETAS

TEIXEIRA DE PASCOAES

REGRESSO
AO PARAÍSO

5.º VOLUME

(EDIÇÃO DO AUTOR)



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS — LISBOA

Desta edição tiraram-se cem exemplares em papel avergado da Abelheira, numerados e rubricados pelo autor.

Satan consome o fogo dos seus dias,
Cuidando, com amor,
Do martírio das almas, que, aos Infernos,
Chegam da Terra, em ondas e tumultos.

Junto à porta infernal, que tem escrita
A trágica legenda do Poeta,
Já comida das chamas e do fumo,
Satan espera as almas, que se espantam
E dizem, a tremer, os seus pecados :
Seus ódios, seus amores...
E depois ajoelham e murmuram
Súplicas de perdão,
E sussuram palavras sem sentido ;
Lembram débeis arbustos, sob as patas
Dos ventos a galope.

Mas isto aumenta a cólera raivosa
Do antigo Anjo rebelde.
E com os grossos lábios entreabertos
E rubros de ironia,
Brandindo, no ar, um látigo de fogo,
Sem piedade, as fustiga e precipita,
Nos grandes, ígneos Lagos infernais,
Abrasadas crateras,

E as almas, ao sentir aqueles golpes
Do Chicote, que já se alevantou
Contra o poder de Deus,
Correm, na mais sombria confusão,
Aos gritos, estridentes e aflitivos,
Que se cravam, quais flexas, nas plutónicas
Abóbadas de pedra.

E o seu clamor redobra, ao descobrirem
O horrível fogo, eternamente acêso,
Donde emergem fantásticas figuras,
Contorcidas, queimadas, desvairadas!

Mas, por fim, as vermelhas águas lávicas
Tragam, num sôrvo enorme e fumarento,
Todo aquele dramático ruído...

E Satan, rindo sempre, na perpétua
Embriaguês da Ironia,
Regressa à porta trágica, onde espera
Novas almas que chegam,
Em tumultuosas levas sucessivas.

Com lampejantes olhos, dilatados
Pelo negro terror, irmão das trevas,
As pobres almas, ainda poeirentas
Dos caminhos da Vida e rescendendo
As flôres, que enfeitaram os seus corpos,
E molhadas de lágrimas ainda,
— Atravessam aquela rumorosa
Porta, que é sempre aberta.

Eram almas em plena flôr da idade,
Roubadas ao seu leito nupcial
De carne viva e carinhosa e quente...

Almas cheias de rugas e de brancas ;
Sombras da Decadência, Imagens tristes,
Que o Tempo, tórvo e lívido, azorraga.

Eram almas Bébés, recém-nascidas,
Que murcharam, nos seios maternos,
Como um botão de rosa na roseira.

Almas brancas de Noivas que cegára
O ardente e cego Amor!
Com a face pendida para o chão,
Escondiam assim a côr vermelha
Dos beijos, ainda não arrefecidos.

Eram almas de Poetas,
Que tiveram a audácia de fazer
Falar a muda Esfinge ;
Que interrogaram Deuses e Fantasmas,
E comeram o fruto proibido
Da árvore do Mistério.

Eram almas sequinhas de filósofos,
Translúcidas e finas,
A fôrça de tentarem reflectir
A Vida e o seu enigma.
Seus olhos encovados e sombrios
De pássaro nocturno,
Olhavam friamente a Dôr eterna.

Eram as almas scéticas dos sábios,
Enrugadas e calvas,
Ostentando, no lívido nariz,
Os defumados óculos da Verdade.
E, num sorriso incrédulo, fitavam
O vulto de Satan que estremeçia
E quási se apagava...

Almas de pegureiros, caminhando,
No meio de tristezas e crepúsculos
E sombras de ovelhinhas...

Almas de camponeses, ainda sujas
De terra e de suor...

Almas de marinheiros, ainda envoltas
Em neblinas, espumas e saudades...

Almas violentamente arrebatadas
Aos braços da Matéria;
Sombras esfaqueadas, vãos espectros
Em cruas, contorcidas atitudes.

As pobrezinhas almas de pedir,
Procurando, no chão, as sepulturas
Dos seus corpos, que foram seus esposos.

Eram almas anónimas,
De indecisos aspectos miseráveis;
E, muitas delas, vindas por engano,
Por se haverem perdido no caminho.

E os soturnos Demónios, em tropel,
Corriam, nas suas garras, sustentando
Os archotes acêsos e sangrentos.
E fustigavam, rindo, aquelas almas,
Que se atiravam, doidas de terror,
As ondas abrasadas.

Mas entre a turba-multa demoníaca,
Erguia-se a figura de Satan.
Seu vulto dominava todo o Inferno
E todos os Demónios, porque êle era
O Rei, o Padre Eterno do Pecado,
O Júpiter sinistro dos Abismos,

Uma grande serpente lhe cingia
A fronte, como símbolo
Da sua realeza tenebrosa :
— A serpente que outrora se enroscou
Na árvore do Paraíso, seduzindo
Nossos Primeiros Pais.
Nem Hércules, nem o Anjo Gabriel,
Nem S. Jorge puderam destruí-la.
Foi ela que traçou, na escuridão,
Com a ponta da cauda traiçoeira,
As órbitas dos mundos.

Era a cobra o sinal do seu Império ;
A cobra e o riso eterno dos seus lábios :
Riso que anima as plantas e as estrelas
E que percorre o corpo humano — e é sangue !

II

Aqui, no Inferno, neste sítio lúgubre,
As almas das criaturas são imagens
Vivas de corpos mortos e desfeitos.

A alma duma cousa é sua clara
E transcendente imagem ; seu perfil,
Isento de impurezas, reduzido
Ao íntimo cristal, à transparência :
A presença incorpórea, já liberta.

Aqui, no Inferno, neste sítio lúgubre,
A criatura expia o velho crime
De se ter entregado às mãos da Morte,
Havendo sido dada à luz da Vida.

Eis o crime sem fim, primordial,
Hoje parte integrante da Natura,
E através dela esparso : é canto de ave,
É rugido de tigre, é a nossa voz,
A própria flor, olhai ! o próprio sol !
Tudo o que vive, tudo quanto encerra,
Nas suas veias, o riso de Satan.

Aqui, no País do Drama, o sofrimento
É eterna Primavera
De lágrimas, de fôgo e de soluços...
Primavera das lágrimas ! Aurora

Da Angústia dilatada e sublimada!
Ó Primavera em flôr! Jardim maldito,
Onde murmura a fonte do Desejo
E do Pecado, — a fonte que deslisa,
A caminho das sêdes insondáveis
E humanas que parecem ressequir,
Crestar o próprio mundo.

Este Jardim soturno é cultivado
Por tôdas as nocturnas legiões,
Sujeitas a Satan.
E na emprêsa dramática as dirige
Um estranho Demónio aventureiro,
Que não pertence à raça dos Arcanjos,
Outrora, fulminados e perdidos.
É de plebeia origem indecisa;
Apareceu, à luz, como aparecem
As árvores e os bichos.

É o velho Adão, fantasma visionário...

Olhai seu êrmo rôsto, que a Saudade
Moldou em formas mortas que ressurgem...
Vêde o seu esqueleto
De marmóreas lembranças, pétreas dôres,
E o musgo vivo, a carne, que o reveste...
Vêde a sua caveira fragarosa,
No seu íntimo escuro, alimentando
Uma espécie de fôgo inteligente.
Olhai seus olhos negros,
Onde a ligeira chama que alumia
Se fêz a funda lágrima que vê...
E, em todo o seu perfil,
Paira uma velha sombra, que nos deixa
Apenas pressentir
A imaculada Luz original.

E lá, no Inferno, também uma Diaba,
Que êle-adora com todo o seu amôr :

Ê Eva, o vulto em flor da Perdição.

No dia em que desceram aos Infernos,
Houve grande alegria em Satanaz,
Que pôs logo, em perpétua actividade,
Seu maléfico sonho de queimar
Deus em figura humana e miserável!
— Se foram êles, (tragico Destino!)
Que estrearam as chamas infernais,
E, num violento abraço, desfloraram,
Ó Dôr, teu corpo virgem!

E, por isso, Satan lhes concedeu
As horas de Demónios.
E a Adão lhe dera ainda, como prémio
De haver tornado os homens pecadores,
O comando das brutas legiões,
Que conquistam as almas, e as convertem
À negra Fé nocturna.

E a ela, como prémio dêsse esforço
Engenhoso, chimérico, a favor
Do advento do Pecado,
Restituiu-lhe a Belêsa diabólica,
Essa Fôrça das fôrças soberana,
A qual conserva, eternamente acesa,
A profunda paixão do seu Amante.

Eis a mulher formosa! A sua face
Evoca a Primavera. Os tenros gômos
Abrem, só para vê-la, os olhos verdes.
De longe, as fontes correm; são relâmpagos,
Para que a sua imagem se retrate,

Um momento, nas águas desejosas...
Correm os ventos soltos, com luxúria,
E cingem-se-lhe às formas delicadas,
Como as ondas à praia feminina...

Evoca a Primavera! Na sua frente,
Ficou a madrugada primitiva,
Harmoniosa ainda e resplendente
Do *Fiat* divino.
A fulva trança, esparsa e deslumbrante,
Veste-lhe o lindo corpo, entremostrando
A nudez côr de rosa,
Tôda cheirosa a flôres, às primeiras
Flôres, que a terra edénica gerou,
Sob a pureza, a graça, a esplendidês,
Do céu recemeriado.

Aqui, no País do Drama, nossos Pais,
Desde a noite dos tempos, têm vivido
A vida demoníaca e nocturna.

Com a memória lúcida perderam
A lúcida esperança...
Quem de nada se lembra nada espera.
E como brutas pedras insensíveis,
Viram passar os anos fugitivos.

O culto de Satan, que os seduzira,
No divino Jardim, no próprio seio
Da Bemaventurança e da Inocência,
Era o sonho pesado que sonhavam,
Ou antes o mau sono que dormiam.

Aqui, no País da Sombra,
Da Saudade da Vida, as criaturas
Sofrem a dôr da sua imperfeição,

— Imperfeição que a Morte não destrói,
Que é anterior a tudo, e até parece
Haver turvado a misteriosa fonte
Da Luz originária...

Na sinistra paisagem infernal,
Grandes lagos de fogo são dispostos
Em duas grandes linhas, que se cortam,
Formando assim (diabólica ironia!)
Uma cruz, verdadeira cruz plutónica,
Ígnea, maldita cruz de perdição.

E, nas regiões vizinhas dêstes lagos,
Densos bosques negrejam, como nuvens
De fumo e de pavor.

Pairam ali as almas das crianças,
E as almas de outros sêres :
Das árvores velhinhas, carunchosas,
Com os seus ôcos caules, chamuscados
Pelas fogueiras pastoris, no inverno...

Altos choupos esguios, reduzidos
A sua antiga sombra, húmida ainda
De mal pousar, nas águas...

As almas dos pinheiros solitários,
Ainda amortalhadas em tristezas
E sussurros de vento, ao pôr do sol...

As almas aromáticas das flôres ;
Umas, mortas no fim da sua vida,

Que é o princípio do outôno ;
Outras, mortas, ó dôr, violentamente,
Em pleno mês de Abril, sacrificadas
As noivas e às amantes,
Na liturgia sacra dos idílios.

Almas de aves nocturnas e diurnas
Que, em bandos, esvoaçam.
Vê-se, ao pé da coruja, a cotovia,
Com a canção final estrangulada
E prêsa na garganta.

Almas de rouxinóis, manando luz
Sôbre lívidos rios moribundos,
Vôam, emudecidas, porque as suas
Canções, de mais ligeiras
E levezinhas asas que os seus corpos,
Subiram para o Céu...

E vôam rouxinóis e cotovias,
Na sombra do crepúsculo :
— Estas, saudosas das manhãs divinas,
— Aqueles, do luar
E dos salgueiros da beirinha de água...
Pelo mesmo destino irrevogável
Casados, irmanados,
Vôam, no ar sombrio, sem descanso,
Para esquecer, no Inferno, com o ritmo
Escuro dos seus vôos,
O ritmo deslumbrado das canções,
Que sôbre a terra, à luz do sol, cantaram !

Almas de águias pairando, sôbre os altos
E plutônicos píncaros, batendo
As asas contra os céus empedernidos.

Almas de cães chorando pelo dono,
E desejando, aflitas,
Lançar-se às rubras chamas infernais,
Conhecendo, entre os gritos e os soluços,
A antiga voz amiga, aquela voz
De divina carícia que os fazia
Agitar com ternura a branda cauda.
Mas o Destino proíbe o derrabeiro,
Suprêmo sacrifício da amisade
Canina e sobrehumana.

Almas de tempestades abraçadas
A ramagem das árvores extáticas...

Almas de tigres, de leões, serpentes,
Invocando, em silêncio, as grandes selvas
E a negridão das noites pavorosas!

E as almas animais e vegetais
Lembram estranho bosque
De sombras açoutadas pelo vento.

Adão, ao lado de Eva,
Errava neste bosque misterioso,
Como denso crepúsculo tecido
Em fantásticos ramos e folhagens...

E, animado de nova comoção,
Abria os olhos tristes, mal despertos
Do sono demoníaco.

Já, na sua memória, a Luz primeira,
Remota, alvorecia...

E à sua eterna Amante, assim falou :

«Amo-te desde a Vida, desde a origem
De tudo quanto existe...
E numa tarde, lívida e agoirenta,
Deixei, por tua causa, o Paraíso...
Ainda recordo o olhar que tu me déste,
Que pôs termo, no mundo, à Idade de Ouro.»

— «Tens a fôrça de amar ; tenho a fraqueza
De ser amada. És homem, sou mulher ;
E essa fôrça perdeu-te...

«Eu sou a Tentação.
Que havia de fazer senão tentar-te,
Para que visses, face a face, a Vida
E o mistério das cousas e o da morte?...»

E acrescentou, sorrindo :

«De resto, o meu desejo era vingar-me
De Deus, que, por bem pouco, não criára
A Mulher e a Belêsa.»

E disse Adão : «Quando o Senhor tomou
Nas mãos o barro inerte, penetrando-o
De alvoroçado espírito febril,
Pensava, em mim, apenas...
Quís traduzir em dôr sua alegria,
Quís esconder o rosto sempiterno
Em transitória máscara de terra.

«A pérfida *Serpente* diabólica,
Antes de nos tentar, tentou a Deus...
E concebeu-me Deus... E, concebendo-me,
Preparou, que desgraça ! o Pão e o Vinho
Para o belo banquete do Inimigo...

«Ah! Deus sonhou... e a névoa do seu sonho
Caíu, depois, em lágrima, no Inferno,
E sôbre o próprio riso de Satan...
E vejo que essa lágrima sou eu...
Sou eu, e não és tu, porque a mulher
É já criação humana...»

E Eva, num gesto vivo e despeitado :

«Por isso, alevantei a mão culposa,
Ao fruto proibido». E, com os olhos,
Procurava encontrar, no peito largo
De seu Amante, a falta da costela,
De que Deus a fizera, à última hora
E desdenhosamente...
E sentia-se fora do divino
Sonho de Jéovah...

Depois, lembrou seus tempos de inocência ;
As primeiras manhãs, a idade de ouro ;
E a sua antiga vida, tão perfeita,
Tão simples, que era quási vegetal.

Adão amava agora, com ternura,
O velho Pai celeste ; e imaginava
Descobrir, numa auréola, o seu perfil,
De brancas, longas barbas agressivas,
Clamando irado contra o seu pecado,
Sôbre o bronze das nuvens troyejantes !

E Eva, quer percebêra, num relâmpago,
Porque a mulher é certo que adivinha
Para evitar o esforço de pensar :

«Estás a traír Satan, em pensamento...
Vi, nos teus olhos negros, fluctuantes

Visões do Paraíso.

E eu quero que sómente a minha imagem,
Sósinha, neles, viva, para sempre.

«Estás a traír Satan e o meu amor...
Mas não esqueças nunca, não esqueças
Este poder de perdição que tenho!

«Todo o teu sêr dirige
A mísera costela que te falta...
Mas tal cousa não soube presumir
O velho Criador, que nada viu,
Além da Criação...»

E Adão, meditativo e taciturno,
Parecia envolvê-lo a fria sombra
Da tarde, em que saíu do Paraíso.
E via desenhar-se, nos saudosos
E afastados confins do seu Desejo,
Um novo Adão longínquo... E assim ficava
A olhar, a olhar, no vago da sua alma...

E acordando, de súbito, avistou
Eva, que estava triste, ao lado dêle...
E as saudades de Outrora
Morreram nos seus olhos, — o lugar
Onde a Lembrança vive...

E veio o idílio ardente coroá-los
De lírios e de rosas. E os seus beijos
Abriam, no ar soturno, as ígneas asas ;
Eram vêspas de lume, abêlhas de oiro,
Em brasa, esvoaçando.
E, como sombras vivas de Amorzinhos,
Faziam palpitar de seiva e cio
As sussurantes selvas sonolentas,

Deitadas no sopé dos altos píncaros,
Calcinados, mordidos pelo fogo,
Reduzidos à rocha, que já foi
Labareda de sol, riso de estrêla.

E atingiram os cumes, sôbre os quais
Se firmam as plutônicas abóbadas ;
E donde se contempla o panorama,
Todo em fogo e penumbra, negro e rubro,
Do Tártaro profundo : os grandes Lagos
Rolando as suas ondas, trespassadas
De angustiosos gestos ;
A lívida aridez das longas praias,
As ondeantes sombras das florestas,
Onde as aves-fantasmas, em silêncio,
Riscam turbados vãos.

E a mística Lembrança novamente
Subira à superfície de seus olhos,
Neles, pintando edénicas visões...
E o sol da Idade de Ouro
Como que amanhecia, na distância
Dos Tempos enevoados...

IV

«Desejo ver, de perto, os ígneos Lagos
E a nossa descendência», disse o Amante,
Apontando a sombria e fumarenta
Atmosfera que, longe, avermelhava,
Tal como a noite, em volta dum incêndio.

Eva tornou-se pálida e medrosa ;
Mas no seu fundo vivo de mulher,
Sentia-se atraída para aqueles
Dramáticos lugares, onde a Dôr
Matava o sonho vão da sua fome.

E seguiram, a sós, na direcção
Avermelhada e feia. O vulto de Eva
Era uma Sombra triste caminhando,
Ao lado de outra Sombra.
E pararam depois, numa clareira,
Tapetada de nódoas purpurinas
E trémulas imagens, que desciam
Das infernais abóbadas... imagens,
Que os Lagos projectavam,
Num doloroso anseio e sonho tórvo.
Dir-se-hiam desenhar, no chão escuro,
Alevantados braços, mãos erguidas,

Crispadas numa súplica...
Rubros corpos de chamas espectrais,
Vagas formas humanas e aflitivas,
Voluptuosamente entrelaçadas.

O solo é agora aspérrimo e coberto
De mil castas de plantas espinhosas.

Súbito, duma escura e densa moita,
Saltou, adiante dêles, meneando
A negra e afável cauda,
Um cão dos Pirineus, o cão selvagem,
Que devorou Santa Cecília, outrora,
Na ensanguentada arena...
E saltaram leões, lobos e tigres,
Corcodilos, que encheram as entranhas
De carne pura e angélica dos Mártires.

Adão e Eva estacaram, de surpresa,
No meio dessas Feras,
Que a morte humanisára, aquela morte
Que os homens divinisa.

E as suas largas fauces, erriçadas
De dentes, exclamavam: «Comungamos
Também a divindade...

«Não somos, não, malditos!

«Há de pagar a Fome as nossas dívidas...

«É fácil compreender
Porque estamos no Inferno e não subimos.»

— «Que dizem êles?» perguntou a Amante.

«Não ouviste?... Desculpam-se... Desculpam-se...
Como nós, sob a espada incandescente
Dum Anjo... nessa tarde... Não te lembras?...»

— «Parece que foi ontem!... Vejo ainda
Aquele rosto aceso num relâmpago,
E aquele frio gesto impiedoso,
Mostrando, ao nosso olhar anoitecido,
O caminho da dôr e do trabalho...

«Parece que foi ontem...»

Logo, a mulher còrou de pejo, como
Nesse horrível momento, em que sentiu
Caír-lhe, para sempre,
Aos doloridos pés, a etérea graça
De que andára vestida...

Ali, nos seus plutónicos domínios,
Nossos primeiros Pais
Recordavam os tempos em que foram
Expulsos da Alegria...

E esta Lembrança triste as suas almas
Minava e transformava, intimamente .

E já os dois Amantes caminhavam,
Perto dos grandes Lagos. O arvoreda
Findára, e o ar escuro, mais vermelho,
Imitava uma aurora de tragédia,
Um sol sangrento prestes a nascer.

A tórrida atmosfera transpirava,
Penetrada de raios, trespassada
De purpurinas flexas lampejantes,
De gemidos e gritos incendidos!

No chão áspero e duro,
Vinhão desfalecer as ígneas ondas,
Longamente, espraiando-se em pesados,
Negros flocos de fumo.

A pequena distância, descobria-se
Um povileu imenso, clamorando,
No acidentado litoral adusto,
Que domina as Lagôas infernais.

E os Demónios, brandindo os seus tridentes,
Cravavam-nos na carne imaginária
Daquelas pobres Sombras,
Precipitando-as, de alto, sôbre o fogo.

E como, a tôda a hora, ali chegassem
Novas Almas do mundo, o provileu
Reünido, na praia tenebrosa,
Dir-se-ia sempre o mesmo.
Viam-se os mesmos vultos e atitudes,
Que o mêdo empedernia; os mesmos gestos,
Que o pânico gelado estrangulava.

E meditava Adão para consigo:
A lágrima primeira que eu chorei,
Foi crescendo e alastrando até formar
O vasto mar salgado...

E Eva, que percebêra o seu desgosto;

«Mas tu já não és homem! Que te importa
O destino dos homens?...
O que passou, lá vai... Não volta mais...
És um Demónio belo e poderoso,
Um semi-Deus perfeito...

«Que diria Satan se, acaso, visse
Um Diabo sensível como tu,
Grotesco de piedade?...»

E rostos aflitivos, emergindo
Do fogo crepitante,
Olhavam-nos, de longe, abrindo a bôca,
Cheia de vãs palavras e gemidos.

E aqueles dois Amantes contemplavam
Os dolorosos Náufragos, a braços
Com as ondas candentes que os mordiam
E nêles se enroscavam furiosas.

E entre as pálidas Sombras, que Virgílio,
Num gesto de além-campa, desvendou
Ao fundo olhar sonâmbulo de Dante,
Viram a Sombra trágica de Spártacus,
Sustentando, nas mãos libertadoras,
Despedaçados ferros de grilhetas.

E a Sombra de Giordano tinha um ar
De quem não conhecera
A passagem do Mundo para o Inferno,
E não distingue os homens dos demónios.

Viram as sombras de Ugolino e Tântalo :
A Fome e Sêde, humanas labaredas,
Mais ardentes que as chamas de Plutão!
Viram Diogo Coelho, que mostrava,
Rasgada, em pleno peito, uma caverna,
Onde rugira um tigre!
E D. Pedro Primeiro, perseguido
Pelo espectro do Amôr e da Justiça.
Seu cabelo revolto era dum doido ;
E em seus olhos febris, se descobria

Essa imagem, fantástica e vivente,
Da Defunta, sentada sôbre um trono.
Viram a Sombra heróica de Roby,
E as assaltantes multidões de Negros,
O sol arder, selváticas campinas,
E as sibilantes flexas, que vararam
Seu coração acêso em pátrio amôr.
A Sombra de Mousinho e a sua Audácia ;
O Fantasma de Antero e a sua Lira,
Vibrando num crepúsculo profundo,
Em ondas, que eram mármore de som.
A fina Sombra de Eça revelando,
Nas cousas ambientes que a tocavam,
A definida superfície límpida,
A espiritual purêsa, a côr perfeita...
E a desgrenhada Sombra de Camilo,
Semeando, como Júpiter seus raios,
A lágrima imortal e o riso eterno.
E a Sombra do Escultor que, em pedra bruta,
Fêz a divina estátua da Saudade.
E Viriato e a Sombra da Montanha ;
O Fantasma de Afonso que riscou,
Com a lança, no ibérico terreno,
As fronteiras sagradas duma Pátria...
E o Fantasma do Mestre, e os que morreram
Nesse dia sem fim de Aljubarrota...
Viram Menina e Moça ; e, perto dela,
A sombra que nós somos... e a paisagem
Do Vale e o moribundo Rouxinol...
E Bernardim tangendo a sua Lira,
Que tem cordas de lágrimas que exalam
Máguas do anoitecer... a Luz futura...
Viram o grande Gama e o Adamastor,
A sombra do Encoberto e a de Camões...

Viram imensas Almas sufocadas,
Entre as ondas de fogo, e que deixaram
Um rasto escuro e fúnebre na História
Ou luminoso rasto na Legenda.

Viram imensa gente! Mas, de súbito,
Como petrificada, sôbre a praia,
Eva soltára um grito agudo, em flexa,
Ao Amante apontando com a mão,
Apavorada e trémula, uma vaga
Mais alterosa e tôrva do que as outras.

E o velho Adão, surprêso, descobrindo
A sombra de Caím, que todo o Inferno
Enchia de terror :

«Que a minha dôr
Alivie, de algum modo, as tuas penas!»

Eva esquecera Abel, o filho amado,
O pastor das fogueiras inocentes,
Abrindo, como lírios, o seu caliz
Doirado e rutilante, cujo fumo,
— Aroma espiritual, perfume etéreo,
Subia, a prumo e branco, para o céu ;

Eva esquecera Abel, de tal maneira
A seduzira aquela aparição
Do crime e da desgraça,
Que já trouxera aos peitos maternos!

E Caím responde ao pai : «Quem no matou ?
Não fui eu ! Não fui eu ! mas um fantasma
Gerado no meu sêr !
Vi-o surgir da noite e erguer o busto
A altura do meu busto, e dominar-me...

Vi-o matar Abel!...
Mas eu tinha presença e realidade...
E êsse fantasma era ilusório sonho!

«O Criador apenas conhecia
O barro da sua Obra. E, só por isso,
Veio, de encontro a mim, o seu castigo.

«E o fantasma arrastou-me, pelo mundo...
E eu fui, num turbilhão de nuvens... Fui,
Através de montanhas e desertos,
Andei sòzinho, errante, perseguido
Pela fúria dos grandes temporais,
Que me açoitavam, doidos e raivosos,
Com seu chicote trágico de lágrimas
E o seu terrível látego de fogo!

Fui através dos êrmos. O silêncio
Gritava aos meus ouvidos! E os penedos,
Blocos do meu remorso,
Diante de mim, sinistros, me fitavam
E chamavam-me : irmão!
E as florestas falavam-me também,
E tudo me falava, porque as árvores
E os brutos fragaredos só dirigem
A palavra dramática e nocturna
Aos eleitos do Amor e do Pecado!

E depois dum silêncio, que era feito
De represados gritos, continua :

«Quem no matou? Quem no matou? Fui eu?
Fui o cego instrumento dessa morte,
Fui o punhal sòmente!

«Quem no matou? Quem foi?
Foi um negro fantasma, sombra morta,
Que, às vezes, de repente, em nosso sêr,
Em forma louca e viva, se alevanta...

«E pertencia, sim, à minha vida
Êsse negro fantasma! E os dois fugiram...
E abraçados, beijando-se, lá foram
Criar, talvez, um novo fratricídio!

«Mas eu não era, não, êsse fantasma,
Nem mesmo sou a minha alma... Eu sou
A terceira pessoa sempiterna
Que entra na formação da criatura;
E tem como destino misterioso
Contemplar, impassível, a Verdade,
Sofrer perpétuamente a dôr alheia,
Expiar perpétuamente o estranho crime!»

Eva escondera o rosto, na sua trança
Desprendida e revôlta...

E antes que Adão, mais uma vez, falasse
E Eva desanuviasse o rosto pálido,
Caím, de novo, se abismou nas ondas.

E logo os dois amantes cabisbaixos,
E mais silenciosos do que outrora,
Sob as iras de Deus, abandonaram
Aquela esteril praia.

V

Era, na terra, o dia de Natal,
Que Satan festejava alegremente,
Com um grande banquete dedicado
Aos Demónios ilustres e também
À plebe demoníaca.

Depois havia danças, na floresta,
E musicais orquestras, inundando
De harmoniosos sons o negro Inferno.

O amor e a embriaguês! O vinho e o beijo,
Dando-se as mãos culposas
Molhadas de volúpia,
Na dança que desmaia e faz vertigens...
Alegrias cantando desgrenhadas,
Silhuetas efémeras de doidos!
Delírios de Sabat da carne viva,
E loucuras do sangue que fumeça!
Risos, bater de palmas, tilintar
De cristais que se partem, e onde a luz
Dir-se-há que também bebe e se embriaga...

Era a festa plutónica maior,
A Festa da Ironia.

Olhai os negros Demos, que circundam
Essa infinita mesa sempiterna
Dêsse eterno Banquete, a que preside

A trágica figura de Satan.
Ao seu lado direito, se descobre
O tenro e delicado vulto de Eva.
E Adão, à sua esquerda,
Meditativo e sério, vagueando,
Em espírito vivo e renascente,
Através de jardins paradisíacos,
Que o fantasma maldito de seu Filho
Enche de escuro inverno e frias sombras...

E encontram-se, depois,
Os Arcanjos que mais se distinguiram
Naquela antiga e desastrosa guerra,
Que ensombra a História lúgubre do Tártaro.
Todos êles exercem altos cargos ;
São ministros, são príncipes, grã-duques
Desta Rússia infernal.
São os braços e as pernas de Satan :
— Os raios dêsse foco
De treva e de sarcasmo, que fecunda
E que dirige a Terra, no seu vôo...

Vêde o terrível Chefe de Polícia,
Astuto e farejante !
Tem o corpo lanzudo cheio de olhos,
Constantemente abertos,
Mesmo durante o sono, com aquele
Gigante mitológico.
Vêde-lhe o magro rosto, onde jámais
Pairou a leve sombra da alegria ;
E a orgulhosa certeza em que êle vive
Do seu grande poder, que é todo feito
Da sua escravidão.

E em seguida aos Diabos mais ilustres,
Indefinidamente, se prolongam

Duas linhas de negros, coruscantes
Demónios, — essa antiga soldadesca,
Olimpica e sem nome.

E sôbre a longa mesa rumorosa,
Tilintante de pratas e cristais,
Chovem flores vermelhas, que derramam
Voluptuoso, estonteante fumo.
E risonhos Demónios as ofertam,
Num gesto enamorado,
Às mais gentis Demónias, que, ao tombar
No tenebroso Abismo, não perderam
A graça, a formosura
Do seu estado angélico de outrora.
Dir-se-há que as suas garras são postiças ;
E, nos seus olhos negros,
Um negro olhar de encanto e perdição,
Lembra a luz da inocência virginal.
E semeiam, nas almas dos convivas,
Amorosos sorrisos, que germinam
Em desejos e lágrimas,
Enquanto as divindades mais distintas
Daquele baixo e escuro Olimpo, falam,
Empedernidos quási na frieza
Do seu imenso orgulho.

Mas infindas palavras animadas
Pelo licôr divino,
Cruzam-se, no ar espêsso, entrechocando-se ;
E, no ar, se desagregam,
Formando um só caótico, nevoento,
Clamoroso sussurro.

E os Diabos comem, bebem, com fervor.
São Fiéis comungando a Carne e o Sangue...

Tomar a Hóstia nos lábios corresponde
A simbòlicamente devorar
A própria Divindade...

A criatura amada é o ser perfeito,
Mas é cruel, mas é feroz quem ama!

Este dia, no Inferno, é dia santo,
Por um decreto irónico.

A grande e negra porta principal
Ei-la fechada e negra.
E a legenda de Dante, já roída
Das chamas e do fumo,
Parece estar mais apagada ainda,
Sem olhos espantados que a decifrem,
Sem gemidos e vozes ansiosas,
E rumores de passos hesitantes.

Satanás com Adão se distraía,
Alegre, conversando
Acêrca dos seus lúgubres domínios,
E da futura e próxima excursão
Ao mundo, a verde terra do desejo,
A Canaan viçosa dos Demónios.

Eva, em cuidados de alma, se enleava...
E o seu olhar azul
Era cheio de imagens doloridas
E todo enevoadado de lembranças...
Era uma luz difusa, de crepúsculo,
Palpitante de sombras, entre as quais,
Se destacava o espectro de Caím!

Mas o Chefe plutónico, fingindo
Trémula voz, respeito, um riso humilde :

«Príncipe! tive um sonho... Um belo sonho!...»

Fitou-o, com altivez, o negro Príncipe,
Tomando logo amável atitude.
E o Chefe continuou, pendendo triste
A cabeça erriçada de pupilas :

«Príncipe! tive um sonho! Um belo sonho!
Sonhei que se aproxima a Grã Colheita,
O dia da Fartura!

Fêz-se um largo silêncio. E, boquiabertos,
Os Demónios olhavam Satanás ;
Os que iam a beber, assim ficaram,
Com o cális suspenso, a igual distância
Da mesa em flor, da sêde incandescente.

E viu Satan que o Chefe lhe falára
Do Dia de Juízo,
O qual, entre os Diabos avarentos,
Tem êste nome farto e apetecido :
—Dia da Grã Colheita.

E disse ao velho Adão : «Tu pertenceste
À vida, à realidade ; é natural
Que não creias em sonhos e chimeras,
Mas eu não posso duvidar. Seria
Duvidar de mim próprio, e desta cobra,
Que se enrosca, amorosa, em minha frente.

«Pois bem! aquele sonho é verdadeiro!
É preciso, portanto, que abrevies
A tua ida ao mundo... Compreendes?
Converterás as Almas ao meu Credo.
E quando o som terrível da Trombeta,
De alto a baixo, rasgar o espaço etéreo,

Irei medir, de novo, as minhas fôrças
Com Jeováh... Conheces êsse Deus,
Que outrora te expulsou do Paraíso,
E me venceu a mim na guerra antiga?
Está a chegar o instante de mostrares
O teu génio guerreiro... Tu foste homem;
Ês um guerreiro, sim, por natureza.»

E acrescentou, num riso desdenhoso :

«Tivesse sido de homens e não de Anjos
O meu primeiro exército...
O Céu seria hoje o meu Império!»

E os antigos Arcanjos — os Demónios,
Despeitados e tristes, mal ouviram
Estas cruas palavras,
Volveram para Adão
Frios e oblíquos olhos invejosos.

Mas o esperado dia da Fartura,
Mas a cubiça, enfim, lhes suplantou
O invejoso despeito.
E então, súbitamente reanimados,
Numa alegria doida,
Batem as palmas, bebem, falam, gritam,
E em tumulto e alvoroço gesticulam,
Como que antegozando a Grã Colheita.

Adão, silencioso, meditava
Nos seres que perdera, nas torrentes
De lágrimas que tinham, como fontes,
Entre viçosos musgos e penumbras,
Suaves frescuras e canções alacres,
A imagem feminina do Pecado.

E meditava, triste, nessas grandes
Viagens que fizera, em êrmas noites,
Através do Planeta solitário,
Que o luar, sorriso morto de caveira,
Persegue, como a sombra dum cadáver.

Julgava-se, no mundo,
À frente dos Demónios, que conquistam
As pobrezinhas Almas, que êle via,
Como hesitantes asas, ignorando
A sua etérea fôrça...
Como hesitantes asas, surpreendidas,
Por uma nêvoa densa, que as perturba
E lhes dá a ilusão de impenetrável
E de fechada abóbada marmórea!

E via a Terra em flor, o verde Palco
Da Tragédia sem fim que Deus criou!

E ficava a scismar naquele sonho
Que alegrava Satan... E uma Esperança,
Vaga, mas infinita, lhe irrompia
Das trevas interiores,
Num misterioso gesto de promessa...

E o velho Adão scismava, alheado, absorto...
Scismar é ser remoto; é ser estrêla
Ou palidez de nuvem, na distância...

Ao findar o chimérico banquete,
Todos se alevantaram, espalhando-se,
Em borrascosos grupos, na floresta
Do fumo e do crepúsculo.

Logo a orquestra plutónica, afinados
Seus vivos instrumentos diabólicos,
Num ímpeto de heróica inspiração,

Encheu, de claras notas de harmonia,
O céu, nevoento e lívido, que o mêdo
Alimpara de tôda a sombra de asa.

Eram notas estranhas, nunca ouvidas,
Mas afins e casando-se e formando
Um todo harmonioso :
O Juízo Final transfigurado
Em lírica tragédia.

E, nos ares, bailavam,
Ora ascendendo, em rubra nitidez ;
Ora descendendo brandas, maculadas
De sombra e de silêncio...

Estas, representavam verdadeiras
Almas, brancas de pânico, tremendo,
Ante a face de Deus :
Aquela nota grave e trovejante,
De encanecidas barbas.
Outras, eram sepulcros entreabertos,
Com um fragor sinistro ;
Outra, a mais viva, o grito da Trombeta,
Tão viva, que acordava os próprios mortos !
Outras, eram ainda o grande Vale,
Súplicas de perdão, gemidos, chôros
E a trágica Balança...

E os Demos começaram a dançar
Suas danças exóticas, que imitam
Ondulações de chama.
E, em delírio, cantavam rutilantes,
Crepitantes canções, que atravessavam,
Como flexas de luz, o negro espaço.

E Satanás, ao pé de Adão e Eva,
Contempla entontecido as belas danças,

Que se alongam, suaves, sôbre a terra ;
Ou, tomadas de súbito furor,
Fazem lembrar então
Redemoínhantes espirais de lume,
Subindo, no ar vermelho...

E as palavras e os cantos amorosos
Evolam-se, evocando fumarentas
Vozes ou densos fumos que sussurram.

Os grupos demoníacos, dançando
Vertiginosamente,
Percorrem o arvoredado, até às margens
Dos Lagos mais vizinhos.
São diabólicas ninfas, negros faunos,
Deuses da maldição e do pecado.

Dentre as ondas de fogo,
Emergem Sombras vivas,
Olhando, olhando, olhando em desvario...

VI

Rompendo a emaranhada selva espessa,
Chegou junto a Satan estranho vulto,
De aspecto consumido e gotejando
Rubras gotas de fogo:
Um ancião de tórvo olhar incerto,
Com um laço de corda, na garganta.
E no seu rosto lívido e febril,
Uma sombra evangélica pairava,
Um velho ar remoto e escurecido
Por íntimos remorsos... Era Judas.

Vinha lembrar, à negra Potestade,
A graça que Jesus lhe concedeu
De abandonar, durante aquela noite,
Os antros infernais ;
Porque, outrora, no meio dum caminho,
Ao ver exposto, aos ventos, um leproso,
Despiu a sua túnica e vestiu,
Com ela, o miserável.

Este acto de piedade atenuou-lhe
Esse horroroso crime que aparece,
Nas páginas da Bíblia.

Por isso, o espectro trágico de Judas,
Quando anoitece o dia de Natal,
Abandona os Infernos, e passeia,

Todo envolvido ainda em labaredas,
Nas brancas regiões do Polo Norte.

Que o nosso pensamento
O acompanhe, de longe, na jornada
Do alívio e da frescura...

Judas percorre as trevas ;
Vai galgando distâncias : é relâmpago
De sombra e desespero !

É negra mancha voando ; é turbilhão
De sonho que deseja converter-se
Em bruta realidade.

E vai subindo a prumo da medonha
Cratera de Plutão.

Em volta dele,
A escuridão é densa, como os mármoreos
E o silêncio é de pedra.

Dir-se-há que aquela Sombra, remordida
De fogo e de remorsos,
Sobe do próprio coração do mundo,
Como sobem as lágrimas aos olhos.

E o tenebroso espaço principia,
Enfim, a constelar-se...
E as estrêlas aumentam de esplendor,
Conforme a sombra tórrida de Judas,
Se aproxima da escura superfície
Da Terra prometida. E um frio amável,
Sôpro do inverno, zéfiro da treva,
Toca no incêndio enorme do seu corpo,
Como pequeno insecto que pousasse
No sol esbraseado !

Mas para Judas, sim,
Mais fresca do que a noite,
Era a doce esperança de atingir
A paisagem edénica da Neve.
E, num delírio ardente,
Voando através olímpicos abismos,
Avista as altas serras, que lhe estendem
Os seus gelados braços, num abraço
De gelo e de paixão. E vôa! e vôa!
Vôa em sôfrego vôo vertiginoso!
E seus olhos, volvidos para a estrêla
Do norte que o dirige,
Orvalham-se de lágrimas benditas,
Miraculosas lágrimas de alívio
Que logo se evaporam, mal lhe beijam
As faces incendidas.

Debaixo das suas asas, na fundura,
As cidades do mundo recordavam
Constelações de luzes. E, tremendo,
Judas imaginava descobrir
Jerusalem, o bêrço do seu Crime.

E voava... e voava... Surpreendido,
Num imenso alvorôço de alegria,
Viu pequenina estrêla scintilar,
Sôbre a infinda aridez da sua frente,
Como gota de orvalho, sôbre uns lábios,
Ressêcos e queimados!

E era tão clara, e viva, e tão remota
A pequenina estrêla, que lembrava
O luminoso términus da Altura.

Então, Judas, baixando o olhar de lume,
E as asas abatendo, precipita-se

Nas regiões do Polo, como o abutre,
Vendo, na terra, a prêsa apetecida.
E enterrou-se na neve que, de súbito,
Tumultuosamente, derreteu...
E alucinado e doido,
Corre através dos gêlos, que se fundem,
A perseguir o Frio, branco espectro
De fugitiva Ninfa.
E todo incendiado pelas chamas
De sensual desejo insatisfeito,
Abraça os lindos blocos erigidos
Em neve imaculada ;
Mas ao contato ardente dos seus braços,
Os blocos, desfazendo-se, lhe fogem,
Como aparências irreais e vãs...

E continuou correndo, em grande fúria,
Deixando poços de água refervente,
Onde pousava os pés afogueados...
E, sempre delirante, se abraçava
Aquele gelo erguido, quais estátuas
De mentiroso mármore ilusório.
E rápidas nascentes marulhavam,
No silêncio polar, na escuridão,
Que a branca neve, à fôrça de ser branca,
Mal embebia em místicos alvôres.

E um desespêro mudo, nos seus olhos,
Condensava-se em lágrimas, que tinham,
Dentro de suas túrbidas esferas,
Tôda a neve souhada, aquela neve
Eterna que não funde.

Sinistra e desolada, sôbre o Polo,
Errava a sombra tórrida de Judas...

E essa amorosa estrêla guiadora,
Pura estrêla do norte,
Sorrindo, a acompanhava, lá do céu,
Tão remota, brilhante e pequenina,
Que dir-se-ia marcar a extrema altura,
Com um ponto de luz.

E na infinita escuridão da noite,
No infinito silêncio,
As árticas montanhas levantavam-se,
Como antigos altares dedicados
À Virgem Mãe do Frio e da Pureza.

Mas já nos êrmos longes circulares,
Como em segrêdo e a mêdo,
Começava a formar-se estranha auréola,
Em densos tons sanguíneos.
E, cada vez mais nítida, subia,
Na abóbada celeste. As brancas serras
Pintavam-se, a distância, revestidas
Dum crepúsculo acêso em côr de rosa.

E nos vales nevados, sem um brando
Murmúrio, deslisavam fulgurantes
Ribeiros purpurinos.
E, dentro em pouco tempo,
Um chimérico incêndio universal
Enchia de chiméricas fogueiras,
Montes de neve, píncaros de neve,
As planícies de neve.
E folhagens de etérea incandescência,
Lírios de fogo, cravos e papoulas,
Rosas, jasmims, violetas, renasciam,
Espiritualmente, como em sonhos,
Da brancura da neve...

E enquanto, em pleno gêlo, as rubras flores
Abriam suas pétalas de lume,
Daquele céu nocturno,
Pendiam, rendilhados e ondeantes,
Vivos clarões vermelhos.

E o fantasma de Judas,
Parou, no meio de uma larga encosta,
Tremendo, imaginando ver, de novo,
As chamas diabólicas!
Mas êste grande incêndio era ilusório,
Como as fogueiras a que a gente cai,
Durante os pesadêlos...

Então, mais calmo, ouvindo um ruído sêco,
Um surdo tilinçar de movediços
Gêlos, que se entrechocam,
Olhou, curioso e atento, para baixo,
De onde, como um deserto, se prolonga
Lisa campina escura...
E a sua superfície, povoada
De flutuantes e flebeis labaredas,
Movia-se e agitava-se ; era o mar !

Sùbitamente, Judas mais alegre,
Correu direito para as águas gélidas,
Extensas e profundas...
E de alta e de escarpada penedia,
Sem hesitar um aî, se despenhou
Naquele negro abismo !

Seu corpo, ao penetrar nas frias ondas,
Abalou-as em doído sobressalto!
E os movediços gêlos, com mais fôrça
Bateram uns nos outros.
E o surdo ruído lúgubre aumentára,

Quebrando êsse fantástico silêncio
Que pesa sôbre os Polos!

E mergulhou, bem fundo; e ao regressar
À tona de água, ali ficou boiando,
Boiando, à tona de água...
E uma primeira sensação de alívio
E virginal frescura, lhe percorre
Os membros requeimados.
E todo condoído e enternecido,
Lembrava a melhor obra
Da sua antiga e trágica existência...
E via, diante de seus olhos, via
A chaguenta figura do leproso.
Via o leproso nú; mas, sôbre tudo,
O instante de bondade redentora,
Êsse ímpeto celeste, que nascera
Da própria sombra má do seu espírito,
E o levára a despir a velha túnica,
Para vestir com ela um miserável,
Já coberto de chagas e de vermes.
Via ali, mesmo diante de seus olhos,
Húmidos, marejados de esperança,
O espectro do leproso e a rôxa tarde,
O vento, a poeira solta do caminho,
A deserta paisagem, — o cenário
Dêsse instante divino de piedade
Que atenuou seu crime!

E agradecido e bom,
Desfeito numa bênção, entre espumas,
Diluído em rezas íntimas, boiava...

Alelúias de luz, em volta dêle,
Bailavam, sôbre as ondas...

E boiava, boiava, em pleno mar...
E desejou cantar! mas a canção
Não desce nunca aos lábios duma Sombra!

E boiava... boiava...
Todo embebido em matinal frescor!
E todo penetrado de suave
E místico prazer...
E seu febril desejo satisfeito,
Descravou-lhe do corpo as ígneas garras,
Transformadas agora nos mais brandos,
Fugidios contactos amorosos.

Judas, adormecido neste sono
De Bemaventurança,
Boiava, boiava sôbre o mar profundo;
E sob o céu pacífico, adornado
De rosas purpurinas;
E todo revestido de vermelhas
Cortinas de esplendor, como se fôsse
Um grande templo em festa.

E boiava... boiava, sôbre as ondas,
Qual dôr, já aliviada, sôbre as lágrimas.

E boiava... e boiava, como as núvens
A negra flor dos montes... como um sonho
A flor da realidade...

E boiando, e sonhando, e recordando,
As ondas o embalavam...

VII

Na previsão do Fim, chamou Satan
Adão e a sua Amante companheira,
Mandando-os que partissem,
A frente dos Demónios aguerridos,
Para o mundo, êsse campo de batalha,
E, qual bando de corvos agoirentos,
Pousaram, certa noite, sôbre os cumes
Da serra do Tabor.

Outrora, neste monte de legenda,
A Arca de Noé,
Tão cheia de esperanças, encalhára,
Na tôrva maré baixa do Dilúvio.

E logo que desceram, sôbre os montes,
Na Bíblia, celebrados,
Eva e Adão sentaram-se, num alto
Penedo solitário.

A lua já brilhava, em seu crescente,
No Zenite sem núvens e longínquo...
E a serra do Tabor
Erguia, nessa frouxa claridade,
As negras altitudes

Extáticas, talhadas em fraguêdo...
Nas arestas mais finas e espelhadas,
A láctea luz sangrava, scintilando ;
E, nos vales estreitos, descobriam-se
Rios de sombra, lívidos, inertes...
Figurações de sonho, misteriosas
Criaturas da noite, vagueavam,
Nas distâncias fantásticas, à lua...
Pelas quebradas íngremes, as fontes
Diziam, no seu verbo murmurante,
Os segredos mais íntimos da Terra...
É um grande lago azul,
Com sonâmbulas margens indecisas,
— Tinha, na sua fluída superfície,
Bailados de esplendor, canções de névoa.

E Adão e a sua Amante, recolhidos
Num infantil e dōce encantamento,
Viam os êrmos montes e as paisagens,
Que imitavam esboços, tentativas
De estranhas criações.
Viam o Indefinido, a originária
Alma esparsa das fragas e das árvores.
E como que sentiam vir, de longe,
Surdos desejos, vôos espirituais,
Tentando a forma angélica das asas.

E ficavam-se tristes, na mudez
Da comoção profunda... Eram estátuas
Na vã serenidade do seu mármore...

Duas almas, por mais enamoradas,
Ante o fulgor anímico das cousas,
Deixam de se entender directamente,
Porque lhes foge a voz, porque ela desce
À sua negra origem de silêncio...

E é só por intermédio da belêsa,
Contemplada e vívida, que se falam
E beijam, num idílio.

E nossos Pais, tomados da benigna
E amorável tristeza, que nos prende
A tudo quanto existe,
De joelhos, olhavam, espantados,
A aparição do mundo.

O encanto do luar e da paisagem,
Sua antiga memória penetrando,
Nela, ressuscitaram as primeiras
Horas da sua vida original,
Quando a luz era Luz, e Flor a flor ;
O Período da Infância, o Áureo Tempo,
O Cielo da Inocência...

No Inferno, Adão e Eva,
Nas tardes outonais do seu desejo.
Recordavam a antiga Idade de Ouro ;
Mas jámais, como nesta luminosa
E repousada noite, essa lembrança
Se lhes tornou tão viva e tão presente !

Era humana e perfeita criatura...

E apenas uma sombra de silêncio
E um raio de luar,
Que são das cousas vagas e incorpóreas
As cousas de mais vaga realidade,
Em seus olhos saudosos, apagaram
A trágica visão do negro Inferno...
Asa etérea de simples andorinha
Que, pousando no sol, o escurecesse...

Viam o céu e a terra, a vez primeira,
Depois que a morte os expulsou da vida,
Com seu terrível látego de sombra!

E scismavam... scismavam, embebidos
No luar e no silêncio...

E a Saudade ideal do Paraíso,
Estava ali, de pé, na frente deles,
Sob o clarão da lua e sôbre as fragas.
E olhava, com ternura,
Os olhos de Eva azuis, à superfície,
E os olhos negros, íntimos, de Adão.

E este, em voz baixa, a fronte descansando
No brando seio de Eva :

«Em mim, revive o amor, o virginal
E primitivo amor...
Ame-te agora, sim, como te amei,
A verde sombra edénica das árvores...»

E Eva, também sentindo feminino
E novo amor nascente : (a luz da lua
Parecia sorrir nos fios soltos
Da sua trança de ouro)

«Vêjo acordar, em mim, abrir os olhos,
No sítio dos meus olhos, a primeira
Mulher... primeira Mãe, primeiro amor!»

E volveu para Adão a linda face,
Corada, num sorriso amanhecendo
Ou numa infinda lágrima de luz.

E um zéfiro de espírito divino
Pairava na montanha ; e uma alegria
De sombra e de silêncio, — que era a noite,
Descia das estrélas...

E a mística Saudade, a Virgem nova,
A Mãe dum novo Deus,
Apontou-lhes, num gesto de piedade,
Nas neblinas do longe, êsse lugar
Onde existiu, outrora, o Paraíso.

VIII

Adão e a sua Eva já desciam
As abrutadas vertentes do Tabor.
E, viva, caminhava, diante dêles,
A Saudade do Éden.
E passaram regatos, vales, rios ;
Atravessaram manchas de desertos,
Com palmeiras, em grupos fraternais.
Negras aves nocturnas palpitavam,
Na prateada, fluída cinza aérea ;
E seus lúgubres pios solitários
Tornavam mais profundo
O silêncio espectral das horas mortas.

Parando, enfim, surprêso, conheceram
A paisagem edénica e feliz.
E uma tristeza estranha,
Emanada da terra abandonada,
Errava, na penumbra ; e, penetrando
Nas almas, ao luar, de Adão e Eva,
Fazia-se visível ; tinha a forma
Daquelle outeiro, dêste vale antigo
E daquela planície, que branqueja,
E dêste cêrro em onda... mas no tempo
Da Bemaventurança florescida,
Das árvores em flor, do céu em flor,
E do cântico em flor dos passarinhos,
Ao sol, a eterna flor aberta em oiro !

E Adão e Eva olhavam, no silêncio,
A tristeza infinita que os cercava,
E era o próprio fantasma do passado...

Como tudo mudára! Tudo, tudo!...
O perfil dos outeiros e dos vales,
Dir-se-ia o mesmo ainda, mas desgasto,
Encarquilhado e velho...
As enormes florestas virginais,
Embragadas de cantos e de vôos,
Tinham secado tôdas! E na luz
Difusa do luar, ùnicamente,
Raros vultos esguios de palmeiras
Se alevantavam, quási diluídos,
Quási mortos, na sombra...

E aquele chão macio, num perpétuo
Sorriso de verdura,
Era, neste dramático momento,
Sob os pés, doloridos e queixosos,
De Adão e Eva, um duro chão ingrato...
E as inspiradas aves de mil côres,
Haviam sido expulsas, desterradas ;
Viviam longe, ocultas em seus ninhos
De alarmes e de mêdos...
E os ribeiros de leite e de ambrosia,
E as cristalinas fontes murmurando
Ao sol, que estava ainda, no seu bêrço
E no primeiro oiro da sua luz,
Agora, como névoas espectrais,
Esboçavam saudades merencórias,
Na palidez da noite...

E vendo Adão e Eva assim mudado
O sagrado lugar da sua Infância,
Amarga, fundamente entristeceram...

E, no espírito dêle, amanheceu
O bom sonho de vir a transformar
Em novo Paraíso,
Este deserto estéril e arenoso.

Mas Eva interrompeu-lhe o sonho belo :

«Estou ansiosa, ouviste? de saber
Se ainda haverá vestígios dessa amável
E verde criatura,
Que, entre viçosas folhas, escondendo
A cobra, que é o diadema de Satan,
Mostrou à nossa fome o estranho Fruto».

Adão sorriu, de leve... E os dois Amantes
Continuaram, na noite, o seu passeio.

O luar chovia, triste, sôbre as cousas,
Entremostrando a vaga superfície
Dum sòsinho planalto esbranquiçado,
E os distantes contornos esbatidos
De outeiros e colinas.

Eram Adão e Eva duas sombras,
Caminhando na noite e no silêncio,
Ali, naquela terra em que já foram
Dois corpos florescentes de alegria
Vivendo, como as árvores, de luz.

E agora, como sombras, caminhavam
Na noite e no silêncio...

E subiram, depois um ermo outeiro,
Que domina um extenso panorama,
Esfumado em penumbras, indeciso...

E Adão, que descobrira, lá no fundo,
A garganta dum vale, assim lhe disse :

«Olha, repara tu naquele sítio,
Em que se espraia o vale. Tu não vês
Alto e bruto rochedo, assemelhando
Enorme sentinela, que a atenção,
Sempre desperta e sempre vigilante,
Tornou, por fim, imóvel e de pedra ?

«Sôbre êle, esteve o Arcanjo, de ígnea espada,
Desembainhada, rútila e terrível,
Vigiando-nos... Não fôssemos entrar!...»

E, num fronteiro cêrro, grossa nuvem
Era talvez a mesma, de entre a qual
O velho Deus irado lhes falou.

Dantes, aquela núvem resplendia,
Tinha fôlego vivo... mas, agora,
Inerte, repousava, sôbre o monte,
Como poeira leve, fria cinza
Aérea, que o luar marmorizava.

Além, naquele outeiro que já foi
Doce pomar em flôr, haviam dado
O seu primeiro beijo, ainda inocente :
A estrêla da manhã das Criaturas...

Mais além, noutra encosta, Adão sentiu
O primeiro violento sobressalto
Tentador ; o crepúsculo primeiro,
A sombra inicial do Drama humano !

Naquele etéreo espaço azul do Olimpo,
Surgira o rosto amável do Senhor,

Revendo-se encantado na sua Obra,
Ainda limpa de nódoas e de crimes...

E Adão íntimamente recordava
Seu luminoso gesto de relâmpago,
Acendendo aleluias, entre as nuvens...

Aqui, além, por tôda a parte, enfim,
Viam Adão e Eva mil lembranças,
Qual multidão de sombras misteriosas,
Inundar as edénicas ruínas...

Há lugares na terra que parecem
Covas espirituais, sepulcros de almas...

Como duas Lembranças caminhantes,
Os Dois continuaram seu passeio...

E ao luar, que revela aparições,
Fantasmas e visões, que a noite cria,
Seus corpos eram feitos,
Não de carne actual, presente e viva,
Mas da própria matéria da Saudade.

E Adão, suspenso e extático, sómente
Murmurava palavras, sons confusos :
Era o vento falando, o mar falando...
E mais o enternecia e perturbava
O ar sério, absorto e pensativo de Eva ;
A graça feminina
De tôda a sua angélica pessoa,
Que a mágica penumbra luarenta
Nimbava de inefável comoção.

Estados de alma, ignotos, provocados
Pelas cousas benditas que nos cercam
E, dentro em nós, divagam, como sombras...

E Adão, para consigo :

«Quanta belêsa morta e sepultada!
Quantos sonhos dispersos em poeira,
Antes de cair em pó quem os sonhou...
Dir-se-há que a noite triste
Ê como cinza de sorrisos murchos,
Como um vapor de lágrimas extintas!
E a luz do luar, descendo sôbre mim,
Traz, nas pálidas asas espectrais,
Tôda essa morte e solidão da lua...
Não há palmo de terra que não seja
Terra de sepultura... Eu vivo ainda.
Não é certo que vivo? E todavia
Já vejo o meu fantasma...»

A pequena distância, no sopé
Duma colina escura, um vulto de árvore
Erguia-se, tão alto e solitário,
Que escondia, no espaço, a extremidade
Dos ramos florescentes.
Eva reconheceu que estava perto
Da árvore do Pecado... E, ansiosa e trémula,
Os passos apressou ; mas, dentro em pouco,
Envolveu-se na sombra, densa e negra,
Que o roble projectava, no Levante...

As suas fôlhas verdes, agitando-se,
Faziam um sussurro, tão ligeiro,
Que parecia vir de íntima origem.
E as ramagens vergavam, sob o péso
De frutos coloridos e espelhados
E reflectindo a lua, como as fontes.

Logo a Mulher, exclama :

«Ó que maçãs divinas! Ao primeiro
Contacto com os lábios,

Em néctar, se derretem!... Olha bem
Estes formosos frutos, que são dádivas,
Ao passo que uma flôr é só promessa...

«Põe, neles, os teus olhos,
Depois duma jornada, como a nossa,
Através de caminhos arenosos...
E verás que êles próprios nos procuram
A bôca ressequída...

«Foi nisso, foi, que estive o grande mal,
E não, em mim, ouviste?...»

E num ímpeto cego, aproximou-se
Dos ramos, e estendeu a mão nervosa,
Para colher um fruto... E, dominada
Por estranha alegria, teve um claro,
Vivo ataque de riso! E riu, enchendo,
De cristalinos sons, o melancólico,
Deserto Paraíso...

E centenas de mochos, com o espanto
Gravado nas pupilas amarelas,
Onde o luar chorava,
Fugiram, dentre os ramos, levantando
Alvorçados vôos.

A divina Saudade, que os trouxera
A êste lugar feliz da sua Infância,
Diante dêles, surgiu, à luz da lua.

Sua sagrada e mística Presença,
Que purifica as almas, como a neve
Os denegridos píncaros serranos,
Embrandecera a louca tentação,

Que, semelhante ao sangue, já corria
Nas veias côr de rosa da Mulher.

E os Dois continuavam seu passeio,
Quando Adão se abeirou, como surpêso,
Dum árido montículo de terra :

«Eis os restos da argila em que o Senhor
Meu corpo modelou...»

E amassando-o e tentando-lhe imprimir
Incerta e pretendida forma humana,
Apresentou, aos belos olhos de Eva,
Uma espécie de mono que, de súbito,
Se esboroou, caíndo-lhe das mãos.

E riu também Adão da sua própria
Fraqueza, que era, enfim, o seu poder
De não fingir as cousas.

E logo os dois Amantes continuaram
A vaguear, ao longo da tristeza
Edénica ; e, de novo, se interpôs
Entre êles o saudoso e fundo encanto
Da paisagem nocturna e envelhecida.

E enquanto caninhavam, no silêncio,
Na solidão povoada de êrmas sombras,
— Outra vida vivendo, as suas almas
Dialogavam, bem longe, em outro Eden,
Eternamente em flôr...

A lua dilatada, côr de sangue,
Sôbre o perfil escuro do horizonte,
Recordava uma tôrre incendiada ;
E o seu clarão oblíquo, amortecendo,

Tocava dum alvor miraculoso
Os píncaros mais altos e distantes...

E Adão, abandonando aqueles sítios,
Levava, em seu espírito inquieto,
Não a amargura trágica de Outrora,
Mas oculta alegria indefinida,
Uma alegria nova, ainda sem nome...

Quando as encostas íngremes subiram
Da bíblica montanha,
Já, no ar, tremia um pálido alvoroço,
Já mais leve o crepúsculo ondulava...

Era o sinal do dia.

IX

Sob o alvôr da luzerna matinal,
Tinham chegado os Dois a um negro cume,
Onde abre a negra bôca, uma caverna.

O plutónico Chefe, respeitoso
E humilde, os esperava... Adão lhe disse :

«Escondei-vos debaixo dessas fragas,
Durante a luz diurna ; e, ao vir a noite,
Que estejam todos prontos para a longa
Marcha, através do mundo.

E o Chefe retirou-se, diligente,
Para cumprir as ordens de seu Amo...
Fôra o Arcanjo de espada rutilante,
Que Deus mandou guardar a porta em flôr
Do edénico Jardim, naquela tarde
Terrível da Expulsão.
Mas o seu belo aspecto se alterou,
Nos climas infernais.
E os seus olhos sangrentos, que parecem
Cobrir-lhe o largo corpo escurecido
De chagas visionárias,
Desfiguravam mais a sua antiga,
Angélica aparência.

E disse Adão a Eva, num desejo
De novamente contemplar o sol :

«Sentemo-nos aqui, sôbre esta fraga,
A espera que o sol nasça».

Uma doirada auréola já subia,
Por detrás doutras serras afastadas.
E a tristeza nocturna ia fugindo,
Conforme a luz da aurora
Crescia, sôbre o mundo... E as suas almas
Còravam num sorriso amanhecente...

A noite o espaço etéreo abandonava,
Em revoadas chiméricas de sombra,
Quási desfeita em branca lucidez...

As aves acordavam e os seus cantos,
As fontes acordavam. O ar mais vivo
Corria, saturando-se de sons,
De azul, fumos de lar e manchas de asas...

Adão e Eva, sentados sôbre a fraga,
Espantados, julgavam assistir,
Pela primeira vez, depois da Queda,
Ao nascimento olímpico do sol.

Mas, súbito, na pálpebra sombria
Do longínquo horizonte, despontou
Líquida gôta de oiro scintilante...

Era a luz, era a luz directa e viva ;
Era a luz incidindo sôbre a Terra !

E um Ah ! partiu, num vôo, das suas bôcas,
Ao encontro da luz !

Um Ah! é irmão do cântico das aves!
Então, num assombro misterioso
E unicamente se dirige a Deus...

E os dois Amantes, cegos, ofuscados,
Ébrios de luz, vestidos de oiro e riso,
Mal abriam os olhos, mais afeitos
A plutónica e rubra escuridade...

E quando, enfim, puderam
Fitar o sol bemdito, a sensação,
Intensa e desejada, se tornára
Embrandecia e fróuxa :
Assim no homem sedento que, ao beber,
Molha primeiro os lábios ressequidos,
O prazer de matar a sêde ardente
Quási se desvanece.

Mas, apesar de tudo, que alegria,
Vinha, na doce luz recém-nascida,
Até às suas almas, em perfeito,
Espiritual idílio!...

Viram, então, os Dois que, sôbre o mundo,
Tudo havia mudado : os animais,
As árvores, os Deuses ; mas o sol
Era ainda o mesmo sol daquele tempo
Ideal, parasidíaco!
Nem a mais leve ruga, na sua face,
Alegre e juvenil!
Nem fios brancos nos seus raios de oiro!
Nem uma sombra apenas no esplendor
Do seu busto abrasado!

Alquebrados, enfim, pelo cançasso,
Recolheram-se à gruta silenciosa.

Alguns antigos limos, nódoas verdes,
Prendiam-se às paredes e ao chão húmido,
Onde havia detritos borolentos
De indecisa madeira :
Restos da Arca, bíblicas lembranças...

Recordaram-se logo os dois Amantes
Das águas invernosas, que tombaram
Da nuvem do seu Crime ;
E da afluência das Almas, aos Infernos,
Ainda tôdas molhadas, a escorrer,
Durante os negros dias do Dilúvio...

E Adão lembrou-se, triste, do motivo
Da sua estada ali, naquela serra...
Comandante das Tropas infernais,
Era seu fim terrível conquistar,
Para o lúgubre Império de Satan,
Os corpos e os espíritos do Mundo.
E sentia remorsos... Já deitado,
Ao pé da sua Eva que dormia,
Não conseguia adormecer. O sono
Pairava, muito longe,
Acima das suas pálpebras febris.
E via, diante dêle,
Em tôrvos nevoeiros de delírio,
Êsse cortejo fúnebre das almas
Condenadas ao fogo ; multidões
De fantasmas aflitos, entre os quais
Se destacava o espectro de seu Filho !
Via ali, na caverna, o mesmo quadro
Horrível, que já vira
Daquela estéril praia, que circunda
Os grandes, ígneos Lagos...

E Adão, na renascença do seu sêr
Humano e original, — o homem novo,
Que tentava vencer e dominar
O demónio que, nêle, se entranhou ;
— Adão, que renascia, desde o instante
Em que seus pés na Terra se firmaram,
E seus olhos no encanto misterioso
Da Vida universal,
Revoltava-se agora contra as ordens,
Que lhe dera Satan, de perseguir
As pobres criaturas e perdê-las,
Para que não findasse a Dôr Humana !

E seu ansioso espírito genésico
Tremia, como o solo, quando está
Para sofrer mudanças radicais.
E numa estranha luz de pesadelo,
Via surgir o dia
Do Juízo final ! Via Satan
Derrotado e humilhado, pela fôrça
Dum novo Deus, mais belo e verdadeiro,
Que o velho Deus nubloso do Deserto...
E via, num longínquo alvor de sonho,
Em diluídos contornos, esboçar-se
O novo Jardim do Eden...

E sem dormir, esteve, largas horas,
Ao lado da sua Eva adormecida...
E adormeceu também, sôbre os antigos,
Vagos destroços da Arca de Noé
E os limos do Dilúvio...

X

Anoitecera. A turba demoníaca,
Aagitada de gestos, rumorosa
De palavras e gritos, se dispersa,
Batendo as negras asas, no sentido
Azul dos quatro ventos.

Adão, por simpatia, acompanhava
Os heróicos Demónios, cujo espírito
Rebelde, erguia à Luz seu canto eterno!
— Seu canto, que ficara sempre virgem,
Que a maldição dos Deuses não tocou,
Quando da queda trágica dos Anjos...

Este grupo de líricos Demónios
Tomou aquele rumo ocidental,
Que a lua, branca vela desbotada,
Levava, pelo céu.

Percorreram desertos, onde a Sêde
Devora os viandantes, como outrora
A Esfinge, nêsse tempo em que vivia...

Descansaram, à sombras das palmeiras;
E sentiram pousar, no rôsto em brasa,
A bíblica frescura das cisternas.

E beberam no poço de Jacob ;
E viram, aureolado
De rubras labaredas, o Sinai!

Contemplaram Maria, Ester, Raquel
E Marta e Salomé e a Moreninha
Dos Cânticos, durante o seu caminho.

Certa noite, pararam sôbre um rústico
E pedregoso monte, que domina
Uma antiga cidade.
E logo conheceram êstes sítios,
Eleitos pela fome de justiça,
Alumiados pela dôr humana.

E um dos Demos, absorto, olhando os longes
Confusos e brumosos ;
E, a seus pés, as muralhas denegridas
Do velho Burgo, e as altas, negras tôrres
Esfumadas na sombra luarenta,
Descobriu, coleando um êrmo outeiro,
Aquela antiga estrada, onde estivera
A ser atropelado, nos seus tempos
Em que serviu a Deus, por Balaan,
Santo Profeta e Cavaleiro andante.
Via o Profeta cego, a espicaçar,
Diante de si, das suas asas brancas ,
O tímido animal teimoso e bom!
E comparava os olhos do Profeta
Com os olhos humildes do jumento.
E comparava os olhos que avistavam
A realidade angélica e divina
Com os que viam a ilusão satânica...

E outro Demónio, triste, descobriu
Um Hôrto enverdecido ; e recordou-se

Do Cálix que trouxera, em suas mãos...
Do Cristo ajoelhado, e, junto dêle,
A sombra do seu Corpo batalhando
Contra a sagrada luz do seu Espírito...

E um outro viu, no chão fragoso e duro,
Larga fenda, coberta de silvedos.

E ali, na mesma noite, dispozeram
Uma árvore, toda em flôr...

Era a cruz da alegria e da esperança,
Em vez da negra cruz do sofrimento.

E veio ter com êles sobrehumano
Espectro de Jesus, tangendo flauta ;
E fazia dançar os arvoredos,
E cingia-lhe a fronte uma corôa
De lírios e de rosas...

E todos os Demónios ajoelharam,
Perante aquele espectro
Sublime dum futuro e novo Deus.

São o mesmo fantasma as criaturas,
Antes do nascimento e após a morte...
Porque, entre duas sombras, existimos ;
Sombras que infindamente se prolongam
Ou para além do berço ou do sepulcro.

E partiram, cantando novos hinos,
Que alumiam de som a face pálida
Do nocturno, do esfíngico silêncio...

Longas paisagens áridas passaram,
Na embriaguez do sol, o doido amante

Das formas e das côres, ou então
No desmaio da treva, que sòmente
Adora os vãos fantasmas e os espíritos...

Em outra noite, os líricos Demónios,
Estacaram, surprêsos, muito perto
Duma estranha e granítica Figura.

Tinha corpo de leão firmando as patas,
Na areia ressequida... O seu perfil
Era o perfil dum homem. E nas suas
Extáticas pupilas, sempre abertas,
Projectadas no Tempo decorrido,
Chamuscadas de fogo visionário,
Íntimo olhar profundo resplendia,
Envolto em cinzas de almas e de Deuses...
Na sua pétrea fronte enevoada,
Pairavam frias máguas e saudades,
Imagens de penumbras e de estrélas,
De palmeiras e ventos abrasados
E seres animados, que ficaram,
Insensíveis e mortos, sob o gêlo
Dos seus olhos de pedra e de relâmpago.

Trémulo, Adão falou à misteriosa,
Granítica Figura. E aquele vulto
Enorme assim lhe disse :

«Fui, como vós, de carne, em outras eras.
Mas êstes grandes olhos, que interrogam,
Olhando desde os séculos o mundo,
Viram a Pedra apenas ; e as imagens,
Fragosas, que pousavam, a viver,
Nas minhas duras pálpebras acêsas,
Foram-se acumulando, no meu peito,
Foram-me convertendo, pouco a pouco,

Neste monstro, que a Dôr empederniu!
Meus olhos, sempre abertos para a luz,
Beberam sempre pedra, — tal a sêde
De ver que os consumia! Mas, enfim,
Conquistei a presença, a realidade.

«Sou a marmórea forma impenetrável,
Sou qualquer cousa intensa, que dá sombra...

«Ao passo que, através dos vossos corpos,
Vejo brilhar a lua...»

E a Pedra riu, de noite. E aquele riso
Fêz afastar de pânico os Demónios.
Depois emudeceu. E a luz do luar
Murmurava e sorria, nos seus duros,
Frios, cerrados lábios, que recordam
Silencioso cárcere, onde vive
A palavra do Enigma e do Mistério.

Cheios de espanto, os Demos continuaram
A nocturna viagem da Aventura.
Viram novos países, novas árvores
E novas criaturas. E os seus olhos,
Embriagados de imagens, tinham vozes
De luz; cantavam alto, entontecidos,
O céu, a terra, as nuvens, as estrêlas...

E num ímpeto de almas inspiradas,
Voavam por sôbre o mar, seguindo aquele
Rumo primaveril das andorinhas...

E voavam sôbre o mar... De vez em quando,
Nas espumosas ondas, alterosas,
Molhavam, com delícia, as negras asas.

E voavam sôbre o mar, onde vagueia
O espectro de Neptuno,
O Fantasma que os ares escurece...
O qual foi, noutros tempos mais felizes,
Um Deus perfeito e vivo, da família
De Júpiter, de Vénus e de Apolo.

E voaram sôbre as ondas de Camões,
Essas verdes, oceânicas estrofes,
Rimando em velas brancas de navios...

E voaram sôbre o mar de seus Avós ;
Nublosas soledades, êrmos de água,
Os desertos da nossa Penitência.

E voaram, e voaram... Já as gaivotas,
Assustadas, perante aquelas aves
Enormes, nunca vistas,
Cortavam o ar, em tôrva multidão...

E, ao longe, desenhavam-se, na bruma,
As configurações de escuros montes,
Para além duma orla esbranquiçada,
Indefinida e triste...

Sôpro de nova vida e novo alento,
Reanimava os Demónios, quando ouviram
Um vão entrechocar de vozes líquidas ;
Monótono falar, profundo e côncavo,
Esfumado em rumores espectrais
De surdas trovoadas... Era a terra !

XI

Depois que Adão subiu, do fundo Abismo,
Aos píncaros do Mundo,
Satan ficou mais só, no Império lúgubre,
Onde, prêsas dum beijo sempiterno,
Vivem a Dôr e a Sombra.

A fome, a peste, a guerra; a fúria pálida,
A fúria negra, a fúria côr de sangue,
Percorriam a terra; e, ao percorrê-la,
Sob os seus pés, abriam-se, em pegádas,
As covas e os sepulcros.

Por isso, o negro Rei, nos seus ataques
De orgulho, imaginava a Natureza
Uma obra composta, expressamente,
Para seu gôzo apenas, nas celestes
Oficinas de Deus.
E fumando chimerico charuto,
Que êle acendia, rindo, quási sempre,
No fogo que, por dentro, rôe as Almas,
Sentia êsse inefáve!
Prazer da sua heróica potestade.

O túrbido desejo, que rugia
Nos antros do seu peito,
Corria-lhe nas veias latejantes;
E, feito dôr cruel,

Em seus lábios febris, desabrochava
Naquele riso irónico, abrasado,
Que era um raio lançado em direcção
Do trono do Senhor!

E, inquieto, esperava aquele dia,
Em que, de novo, iria combater
As divinas Falanges!
A Cobra imperial, que a sua fronte
Cinge, num meigo abraço,
Segredava-lhe intrigas, afirmando
Que os líricos Demónios
Andavam, pelo mundo, em devaneios
Pecadores, heréticos, contrários
A sacra Lei diabólica!
Mas a afluência trágica das almas,
Enchendo as infernais profundidades
De gritos e clamóres, apagava
As vozes da Serpente...
Era Satan a estátua mais perfeita
Do orgulho, — o denso orgulho que nos torna
De pedra e de certeza.
E por tão grande fôrça dominado,
Noutros tempos, tramára, em pleno Olimpo,
A conjura dos Anjos contra Deus.

E, graças a êste orgulho, os bons Demónios,
Meditavam a queda do seu Reino.

E o dramático César, surdo e bronco,
Vigiava o negro Pórtico,
Aberto em negra rocha, com sinais
De haver estremecido, no momento
Em que a lira de Orfeu, como um relâmpago,
Rasgára a sombra lívida do Tártaro.
E assim, algumas fendas se avistavam

Naquela velha rocha
De empedernidas dôres, pétreas lágrimas,
Soluços e ais gelados, sem idade,
Mais antigos que o sol e o nosso mundo,
E que foram talvez o primitivo
Estado da plutónica Matéria,
A sua dolorosa Nebulosa...

E as vítimas da guerra, peste e fome,
Atravessavam, doidas de terror,
O pórtico infernal!

Eram almas, fugindo à crua morte,
Que lhes roubára o corpo bem amado!

Eram almas de sonho, reduzidas
A mais vaga substância luarenta.

Eram almas pesadas e vermelhas,
Quási negras do súbito, sanguíneo,
Fatal derramamento...

Eram almas imundas e cobertas
De tumores, e ainda tresandando,
Queimadas pela febre.

Eram almas curvadas, sob o pêso
Da dôr e do trabalho...

Eram heróicas almas juvenis,
Cravejadas de balas;

Outras nem tinham forma definida,
Retalhadas, cortadas e amassadas

Pelb furor das bombas explosivas!

Algumas, ainda erguiam, no ar confuso,
Chamuscados farrapos de bandeiras...

Aquelas, imitavam, delirantes,

Os gritos dos clarins tocando a carga!

Mas ai, em tôdas elas, bem se via,
Através dos seus cantos de vitória,
A mais profunda e trágica tristeza :
— A saudade da vida por viver...

E, na piugada em sangue destas almas,
Vinham almas de mães, de irmãs, de noivas ;
Almas mortas de corpos, que ficaram,
Animados ainda, sôbre a terra !

E os Demónios, a rir, chicoteavam
A tumultuosa turba de Fantasmas,
Correndo, desvairada, para os Lagos
Do fogo e do martírio.

Entretanto, no mundo, os outros Demos,
Fieis a Satanaz,
Espalhavam a Dôr e a Tentação.
Durante a luz diurna, adormeciam,
Pelas covas e furnas e cavernas
Das altas serranias.

Mas, na tarde agoirenta, como bandos
De morcêgos, riscavam, no crepúsculo,
Largos, sinistros vôos...
E tomavam, então, que estranhas formas !
Desde a forma do touro à do mosquito ;
Desde a do lírio místico e sagrado
À do *quercus* de Júpiter.

Outras vezes, tornavam-se invisíveis,
Penetrando, em silêncio e de improviso,
Nas almas refractárias...
Porém, a maior parte se deixava
Seduzir, ao primeiro lindo gesto
Da tentação diabólica.

Todo aquele tartárico Vespertino,
Crivava de zumbidos tentadores
Este fluido Azul, que nos envolve,
E alimenta de luz o nosso ser.

E nos fundos ribeiros, ou no espaço,
Dançando com as Bruxas,
Celebravam as Festas do Sabá.

Ó reconditos sítios escolhidos
Para a Orgia nocturna!
A mais bela paisagem luminosa,
Tem medonhos recantos demoníacos,
Bócos sombrios, onde o vento geme...
Planaltos solitários,
Onde, ao luar, se cruzam dois caminhos;
E rios tenebrosos, com açudes,
Cheios de ignotas vozes de além-mundo...

Eis os sítios eleitos dos Demónios,
Dos idílios satânicos, das bodas
E dos bailados lúgubres das Sombras...
E que os tristes, nocturnos viandantes
Não atravessam nunca, sem que sintam
Subir a palidez à flôr do rosto.

E os maléficos Demos, surpreendendo
A noite a criar fantasmas e visões,
Obrigavam a noite a que escondesse,
Debaixo da sua asa imensa e negra,
O crime fugitivo, o amor culposo.

E, vestindo fantásticos aspectos,
Empeçiam às pobres criaturas,
Tão incertas e frágeis, sôbre a Terra!

A donzela, no branco santuário
Virgem da sua alcova recatada,
Onde o próprio luar só entra a medo...

Ao sonhador, em todos os instantes
Em que êle cai da sua inspiração
E é como os outros homens.

A árvore tôda em flôr,
Na voluptuosidade, no perfume
Primaveril de Maio.

Ao guerreiro, nas horas em que o prende
Aquela mão cobarde
Dêsse baixo animal, que vive, em nós,
E ama, em nós, a vida.

Ao padre na presença do seu Deus...

Ao rouxinol na lírica embriaguez...

A rosa ainda em botão, e ao passarinho
Na trémula incerteza do seu vôo...

Ao leão que, bramindo, abala os montes!
A estrêla, em seu delírio que a consome...
À fonte que se turva... à nuvem clara
Que entenebrece e chora...

Assim o negro Diabo nos empece,
Combatendo a benéfica influência
Do Anjo protector.

E esta luta é cruel entre os dois Anjos!
As vezes, tão renhida e tão acêsa,
Que o pobre ser humano,
No momento ideal, determinante
Dos seus actos, avista, em tórno d'êle,
Violentas sombras de asas que se chocam.

E mal Adão e Eva atravessaram
A marítima costa,
Desceram sôbre a terra, amortalhada
Em sombra e esquecimento.

E, quando a luz da lua,
A eterna companheira dos demónios,
Dos doidos e fantasmas,
Iluminou de encanto a escura noite,
Uma doce paisagem aparece,
Abraçada e beijada pelas ondas,
A diluir-se em meigos longes verdes...
Choupos e brancas velas, em idílio,
Marginando elegias de águas mortas...
Lagôas reflectindo o céu azul ;
Serena, amavelmente reflectindo
As árvores vizinhas.

E as lagôas extáticas lembravam
Religiosos olhos, comungando
O espírito das cousas que, ao luar,
Se torna exterior e nos contempla.

E os líricos Demónios dirigiram-se,
Através da planície... E humano vulto,
Com interêsse e medo, se abeirou
Daquelas diabólicas figuras.

— Eis um homem! disse Eva, curiosa
De ver assim, depois de tantos séculos,
Em carne viva e fôlego animado,
Alguém da sua trágica Família.

No Tártaro profundo, só fantasmas
E sombras encontrára.
Por isso, olhava, olhava, num espanto,
A misteriosa máscara, a presença
Material, que esconde o ser presente.

A lua, já mais alta, retocava,
Piedosamente, as formas esfumadas
E as côres desbotadas pela noite...
E os choupos desenhavam, sôbre as águas,
A própria imagem, nítida e perfeita,
Como seus verdes corpos vegetais...

E o Demónio mais novo, aproximando-se
Dêsse homem, perguntou-lhe quem êle era?

«Se és demónio, tu sabes quem eu sou.
Para vós, meus amigos, com certeza,
Nós somos transparentes...»

E o Demónio:

«Adivinhaste... Eu vejo, nas tuas mãos,
Simbólica balança...»

«Esperamos também o grande Dia
Da sagrada Balança, que tem olhos
E tudo avista e abarca!
Nós somos os demónios revoltados
Contra o reinado triste de Satan...
Estas malditas asas,
Uma ansiedade angélica as sustenta!
Nasceram para voar, para subir...»

Repara : estão crestadas de tocar
No fogo das estrêlas...»

E acrescentou ainda : «Queres tu,
Ser nosso companheiro ? Ficarás
Um lírico demónio...»

Logo êsse homem, vestido de asas negras,
Sentiu-se arrebatado, à flor azul
De etéreo turbilhão, como se fôsse
Um anjo diabólico...

Mas quem notasse, atento, o seu perfil,
Entre os perfis acêsos dos Demónios,
Conheceria a humana criatura...

Em nós, há qualquer cousa,
De eterno e inconfundível, que se imprime
No sorriso, no olhar, no pensamento ;
— Qualquer cousa que vive, além de nós,
E nos assinalou, e é na obra de arte
O espírito do Artista.
Neste sinal, existe a estranha origem
Do amor, da antipatia, e, constitui
Talvez êsse elemento essencial,
Primordial do ser.

E no seu vôo nocturno atravessaram
Rios, vales profundos, altos cêrros
De montanhas ; e as pontas das suas asas
Roçavam, pelas cristas fragarosas,
Como, durante a oceânica viagem,
Nas espumas das ondas...

As montanhas, as árvores e os rios,
Tinham para os Demónios outro nome,
O nome verdadeiro ;

Porque as almas ocultas da Natura
Apenas se desvendam aos Poetas
E aos anjos da Revolta.

Sim, o nome dum ser é o próprio ser
Miraculosamente transfundido,
Para sonora imagem cristalina.

Nomear um cousa é despertá-la,
Tentar a própria esfinge...
Quando nos paira um nome, à flor dos lábios,
Chega, junto de nós, como em segrêdo,
Invisível espírito vivente...

Mas, por fim, os Demónios, fatigados
De violar, com as asas, o Infinito,
Pousaram, sôbre os cumes duma serra,
Que se eleva no céu, qual êrna fronte
Scismática do mundo.

Adão, ao percorrer o espaço azul,
Descobrira, nos grandes panoramas,
Estreitos parentescos, semelhanças
Com a feliz Paisagem da Inocência...
Como se acaso Deus, horas depois
Do primeiro castigo impiedoso,
Tão vingativo ainda, desfizesse
O edenico jardim,
Espalhando, na terra, os seus destroços,
Para que os outros homens do Futuro,
Assim pudessem ter, em qualquer parte,
Uma visão, ainda que imperfeita,
Do antigo Paraíso!

O sagrado lugar da sua Infância
Acompanhava-o sempre, encarcerado
Na prisão infinita dos seus olhos...

E Adão, na milagrosa renascença,
Na virgem primavera espiritual,
Sentia o claro sol da idade de ouro
Dominar o seu íntimo negrume.
A sua queda trágica de outrora
Ia-se convertendo em ascensão...
E evocava o fantasma de Caím,
O edênico deserto, à luz da lua,
A bíblica montanha, as altitudes
Religiosas do mundo que se vestem
De resplendente e gélida brancura...
E sobretudo os olhos de Eva, os olhos,
No momento divino em que êles criam
A lágrima que tomba, simplesmente
Para erguer às estrêlas os que choram.

E via a noite escura do seu Crime,
Por matinal sorriso consumida...
A aparição da Dôr e da Paisagem
Dava-lhe nova têmpera vital,
Um novo coração e um novo amor.
E para além das trevas infernais,
Já via despontar o novo sol
Do novo Paraíso.

E nestes pensamentos embebido,
Scismava, ao lado de Eva, sôbre as fragas,
A uma certa distância dos Demónios,
Que falavam, tocados dêsse encanto,
Emanado das cousas que nos cercam,
Do que há nelas de espírito sagrado ;
E não das suas mortas aparências,
Que lembram frias máscaras, cobrindo
Um vago rosto ausente...

— Como é bela a montanha! Como é bela!
Ainda parece a Esfinge!...

— Tem as mãos apoiadas no Levante,
À espera que o sol nasça...

— Para o tomar nas garras!
È para o devorar... doirado pômo!

— Olhai a sua cauda, que se alonga,
Na direcção do Ocaso...

— È com ela que o Monstro
Varre as teias de aranha do crepúsculo...
Nuvens, poeiras velhas dum Olimpo,
Desabitado, há muito...

— Diabólica ironia!

— Esta Montanha que é? — Seriedade.
Mas se um homem ou mesmo se um demónio,
Sôbre ela, põe os pés,
Foge a Seriedade, e surge logo,
Surge a Caricatura...

— È a arte simiêscas...

— Foi um gorila, sim, que a descobriu:
O nosso avô lanzudo...

— Na Seriedade universal, vagueia
Um riso, um verme roedor... a alma!

— O homem é anormal na Criação...
Pobre caricatura... esbôço informe
De presentida imagem animada,
Que poderia vir a ser Beleza...

- Mas é caricatura, que provoca
As risadas crueis de Satanaz
E o sorriso dos Deuses!
- A Beleza possível... a Beleza,
Irrealizada e morta,
Que, na figura humana, se adivinha!
- O que há de humano, além do ser humano!
- É o ser indefinido, a criatura
Dispersa pelas cousas...
Jâmais se concentrou na original,
Harmoniosa Forma...
- Que efeito causarão as nossas asas,
Sôbre êstes altos píncaros, tremendo?...
- É o efeito dum riso, sôbre uns lábios,
Eternamente tristes...
- O riso ri, nuns lábios, como nós
Falamos, nestes montes.
- Amo a tristeza cósmica e profunda
Dos denegridos cumes... a tristeza
Extática e de pedra!
- A tristeza do tempo e da distância...
A alegria longínqua...
- Sim... a montanha é um mar,
Que para traz olhou, para o mistério...
Para o lugar vedado e proibido,
Donde vinham correndo as suas ondas...

— E ficou transformado numa estátua!

— O mar, em ondas vivas,
Sempre obedece ao mando do Senhor.
E, por tanto, se eleva, do seu dôrso,
Como o fumo da biblica fogueira,
A névoa para o céu.

— Mas a névoa das ermas serranias
Não sobe; é bronzea e densa;
Rasteja e pesa, sôbre os negros pincaros,
Aflitos e abafados...

— Silêncio... Anda o luar, ao pé de nós.

— A água é língua de mulher... a água...

— Falam as fontes... Mas quem fala nelas
É a sêde que nos mata... A minha sêde
Tem uma voz de fonte...

— Não vês? Repara: a noite para ouvir
Fita as orelhas pálidas de sombra...

— A noite ouve as estrêlas e ouve as almas...

— A noite é o grande, o vago, o esparso ouvido
De Deus... Falai baixinho... a noite escuta...

Estas frases confusas e cortadas
Da animada conversa dos Demónios,
Iam, no vento, para onde vai o fumo
Para onde os sonhos vão...

XIII

Incidia o luar, sôbre a montanha,
Caíndo, a prumo, da lua no zenite.

O luar é como a escada de Jacob ;
Sobem por êle ao céu, por êle, descem
Chimeras e tristezas que são Anjos.

E alto e vago cordão indefinido,
De esvoaçantes asas prateadas,
Prendia o claro Olimpo à terra escura...

Eva e Adão sonhavam, sôbre as fragas,
Embrandecidas quási, enternecidas
Do contacto do sonho, porque o sonho,
Que é transcendência, e a pedra, brutidade,
São dois extremos ; tocam-se, em delírio !

No silêncio da noite, os dois Amantes,
Comungavam o espírito das cousas,
O espírito divino,
Em tudo, revelado pelo amor
Das suas belas almas, que nasciam
Para a vida dum novo Sentimento...
A nova Religião adivinhada,
Por ignoto sentido, que alvorece,

No mais remoto e fundo de nós próprios,
E já começa a ver e a conhecer...

E o sonho que sonhavam, qual neblina,
Diluíra seus corpos no Infinito ;
E eram, à luz da lua, dois fantasmas...

Mas, de repente, ouviram
Harmoniosos sons, que o brando zéfiro
Embalava, no ar... uma presença
De mística donzela, anunciada
Em música celeste.

E logo Adão e Eva e os Companheiros
Correram, deslumbrados, ao encontro
Daquela doce Imagem...

Os Demónios julgavam descobrir
Algem Anjo de Deus, vencido e triste,
Que andasse a lastimar o seu desgosto,
Na solidão da serra, porque as lágrimas
Amam, como Jesus, a solidão.

Por fim lhe disse Adão, em voz humilde :

«Eu sou o primeiro homem fugitivo
Das trevas infernais... Deante de mim,
Tem passado o fantástico cortejo
Da minha descendência...
Quanta beleza eterna tem passado
Ao alcance da minha sombra! Quantos
Olhos, que a luz divina alumiára,
Em meus olhos satânicos, pousaram!
E ainda não vi figura como a tua!
Ah, quem és tu? Responde!»

E então a bela Imagem solitária :

«Como esqueceste a noite, em que nós fômos
Visitar os Lugares consagrados
Pela saudade humana? Dirigi
Teus passos, nessa noite...
Foi num país distante... Mas, agora,
Estou na minha terra.
Sou outra ; é natural que vos pareça
Uma pessoa estranha,

«Longe da minha pátria,
Dir-se-há que desfaleço ; mas, aqui,
Nestes bemitos montes,
Todo o meu corpo sente que se eleva
E firma sôbre a própria realidade.»

E o velho Adão, suspenso e comovido :

«Tu és a divindade da minha alma!
A pura Virgem-Mãe da nova Fé!

«Por ti, meu ser primeiro reviveu,
No mesmo seio, negro e cavernoso,
Da minha natureza diabólica.

«Por ti, em ti, renasço para a nova
Vida humana ; por ti, revivo, e sou,
Num coração antigo, o novo amor!

«Por ti e, em ti, me lembro do que fui,
Isto é, do que hei de ser... Por ti, alcanço
O sonho criador ou antes Deus ;
O Deus que tu revelas ; que, em teu ventre,
Se revestiu de carne.

«És a Virgem da eterna Renascença,
De renascença edénica e profunda,
Da renascença universal do Ser,
Que, em ti, regressa à Fonte primitiva
Daquele Amor divino,
Que já alumia, embora vagamente,
Os contornos astrais dum novo mundo...»

E a Deusa imaculada :

«Por mim, também os mortos quebrarão
A tampa do sepulcro ; e, à luz da Vida,
Hão-de, outra vez, surgir.

«E seguirás meu rasto luminoso,
E seguirás meus passos...»

E Eva, a dôce mulher que renascia
E via, como Adão, as criaturas
Do Reino Espiritual,
Num alvoroço alegre, contemplava
A sagrada figura da Saudade...
Em certa noite evocadora, a viu,
Com o mesmo perfil, gravado em luz,
E o mesmo gesto ideal que ressuscita
As almas e as estrelas.

Como lembrança mística, um Demónio
Trouxera um ramo da árvore que plantou,
No monte do Calvário...
E logo o ofereceu àquela Imagem,
Que, tomando-o nas mãos, assim lhe disse :

«Por estas cinco folhas, reconheço
As cinco chagas dêsse estranho Deus,
Que escolheu, para noiva, a Dôr humana!

«Por elas, reconheço a Cruz futura,
A Árvore do novo Fruto,
Formoso, saboroso, não proibido...»

A estas palavras, Eva,
O original pecado recordando
Quis inclinar a face para o chão,
Onde o riso da lua humedecia
A braveza das urzes e a gretada,
Fossilizada pele dos fragedos...

E um silêncio reprêso, como as águas
Num açude, afligia a mãe dos homens.

Aquela Tentação do Proibido,
O sangue, a íntima essência da criatura
Humana — a criatura que se lembra,
Fugira-lhe dos olhos...

E a lírica Figura, num sorriso :

«Mas, sôbre a nova Terra, hás de encontrar
A nova Tentação...

«Sou a esperança, ou, antes, a saudade ;
A esperança é saudade do futuro,
A saudade é esperança no passado...

«Comigo voltareis à nova Infância,
E nova Infância é nova Tentação...»

E entregando aos Demónios misteriosa
Semente, repetiu-lhes, numa voz
Fecunda como a luz, o vento e a chuva :

«Semeai planícies, montes e desertos...»

E aquele tórvo e escurecido Bando
Novamente sulcou as fluídas vagas
Do etéreo mar sem fim...
Bateu, bateu as asas, sôbre as pedras
Das elevadas cristas derradeiras,
Que são negras espumas fragarosas
Da onda imensa e morta que é a montanha :
Assim das marulhantes, verdes ondas,
Da própria florescência das espumas,
Batem as asas brancas as gaivotas.

E o vulto da montanha se ocultou,
Com a bela figura da Saudade,
Nos seios voluptuosos da distância...

A uma grande fundura,
Debaixo dos Demónios voadores,
Espraiavam-se angélicas campinas,
Imaterializadas, embebidas
Na chimera da sombra...
De longe a longe, claras fitas de água
Serpeavam, fumegando, levemente
E litúrgicamente, como longos
Turíbulos acesos.
E, dos flancos dos vales concentrados,
Manavam, em cascatas sussurrantes,
Ondas de argênteo sangue cristalino...
E, de tôdas as partes, ascendiam
Emanações alvíssimas de sonho...
Tristezas de luar, doridas máguas,
Desejos, de olhos rubros, almas de anjos
E lobos, divagando,
Em montanhas nublosas e sonâmbulas...
Espíritos nascendo do Invisível,
Esboçando, na bruma, o seu perfil...
Vãos infinitos, multidões de vôos !

A paisagem alada e dispersada,
Abrindo-lhes caminho
As mais potentes asas demoníacas...

E os Demónios voando, na vertigem
Tão desvairada e louca das alturas,
Deixaram, para além dos horizontes,
O misterioso Reino do crepúsculo...

XIV

E voando, voando, atravessaram
Indefinidas terras, apagadas
Na noite e no silêncio...

Das suas finas garras amorosas,
Caía, sôbre as almas, a semente
Que a Saudade lhes dera, na montanha.
Mas os Demos, fieis a Satanaz,
Semeavam o Mal, esperançados
Na fartura da próxima colheita...
E visionavam já
As campinas do mundo, verdejantes,
A vasta seara, trágica e maldita,
Prometida aos celeiros infernais.

E a semente divina e a demoníaca
Germinavam, assim, na mesma leiva...
Suas hastes se abraçavam ;
Suas flôres trocavam seus perfumes ;
E as sombras confundidas de seus corpos
Desenhavam idílios, sôbre a terra...

Os bons e os maus Demónios tentadores,
Semeando as mesmas almas,
Provocavam a mais contraditória,
Florescência de plantas venenosas,
De benéficas plantas,

Que mostravam, ao longe, o tórvo aspecto
De emaranhado bosque...

Os revoltados Demos infieis,
Abandonando a Praia Ocidental,
Onde novas estrêlas desabrocham,
Ora, voavam contra os doidos ventos ;
Ora, no Azul pacífico e translúcido,
Estendiam as asas, docemente...

E voavam, sonhando, à luz da lua...
Voavam à flôr das nuvens e da aurora...
Voavam, em pleno Céu,
A igual distância do astro e da choupana.

Eram como navios dominando
E vencendo os espaços, combatendo
Negras aparições de temporais,
Pelo prazer apenas de vencer,
Pelo prazer, inédito e supremo,
De voar, voar, voar!

E voavam sôbre as altas cordilheiras
E sôbre os altos píncaros agudos,
Espiritualizados e libertos
Da mais leve terrena escuridade.

As montanhas, nas grandes altitudes,
Na vizinhança límpida dos astros,
Perdem as negras formas pedregosas,
Perdem seu próprio corpo, rude e tôsko,
E são asas geladas de brancura,
E são rezas, são êxtasis, subindo...

E voavam sôbre as trágicas cidades,
Enormes, rubras chagas purulentas,
Roendo a verde epiderme em flôr da terra!

Sôbre elas, pesa um céu que relampeja...
E, em vez de cantos de aves,
Pairam ali os gritos e os soluços,
As ambições reprezas, a explodir,
Os ódios de pupilas incendidas,
O amor escurecido, com as penas
Salpicadas de lama e de tristeza ;
O mudo desespero, que devora
Suas próprias entranhas, sem um ai!
As vaidades matando as suas sêdes,
Em miragens de fontes ilusórias ;
As discórdias, em bandos revoltosos,
Desprendendo, no ar, o seu cabelo
De contorcidas cobras sibilantes !
As máguas, como sombras, adejando,
As febres, os delírios, as loucuras :
Negros monstros criados nas cavernas,
Espirituais, profundas, da alma humana,
— Esse mundo que, às vezes, a alegria
Reveste duma lúcida atmosfera,
Dum brando véu de luz primaveril.

E voavam sôbre os rios celebrados...
Foram amados Deuses ; e hoje são
As águas benfazejas, possuindo
A sua primitiva Divindade,
Na corpórea e visível, como outrora,
Mas transcendente e oculta em névoa eterna.

E voavam sôbre as terras mais antigas,
E os lugares saudosos, onde se erguem
Os imperfeitos gestos das ruínas,
Suas gastas, truncadas atitudes...

Viram, à luz da lua, a velha Lenda,
Arrastando uma túnica de sonho,

Levada pelos zéfiros nocturnos.
E aureolava de mágico prestígio,
Os carcomidos túmulos,
Nas paredes dos templos, embutidos,
Com mutilados corpos
De ignotos cavaleiros, que seguram,
Nas mãos de pedra, a espada empedernida...
Os pórticos abertos
Sôbre planícies áridas, sem fim...
Colunatas partidas, arcarias,
Sôbre a queda eminente, debruçadas ;
As fendidas abóbadas, as grimpas,
Roidas até aos ossos de granito ;
Dramáticas estátuas,
Capiteis e colunas, branquejantes,
Entre as ortigas bravas e os silvedos...

E nestes velhos mármore, a Lenda
Semeava lírios, rosas, todo o encanto
Da sua própria graça, que é o espírito
Humano, com amor, reconstruindo,
As cousas arruinadas que perderam
O harmonioso aspecto, o definido
Perfil, que o sol beijava alegremente.

E voaram sôbre os vales e as choupanas,
Donde o fumo se eleva, ao cair da tarde,
E que lembram poetas a sonhar...

E os êrmos viandantes, espantados,
Dirigiam os olhos para aquela
Extensa e negra núvem de Demónios,
Sobressaltando a noite.
E pálidos, tremendo, murmuravam
Palavras e benziam-se...
Mas os que eram filósofos ou sábios,

Diziam, continuando o seu caminho :
— Que formas caprichosas têm as núvens!...

Porém, numa outra noite luarenta,
Adão, a sua Amante e os Companheiros,
Viram que a boa terra começava,
De novo, a levantar-se, diante déles,
Em ondas alterosas...

XV

Mas já o bando negro de Demónios,
Qual âncora ferindo o mar, no fundo,
Pousava pé, num fragaroso cêrro.

Ali, vive a Legenda, que transmite,
Aos sítios que ela escolhe, o próprio encanto,
A própria luz remota da sua vida.

E os líricos Demónios, sob a lua,
Alongavam os olhos, através
Da decantada e trágica montanha,
Como tentando ler, em qualquer parte,
Seu misterioso nome, escrito em letras
De saibro e dura fraga...

E um dêles, de inspirado, imaginára
Ouvir confusa voz,
Nascida dos outeiros e dos vales.

E esta voz, concebida em seu dormente
Espírito, o acordou; tal como um sonho
Nos acorda, ao quebrar da madrugada.

É um canto que estivera, oculto e vivo,
Nas entranhas da terra, lhe subiu
Aos lábios matinais.

E os Demónios cantavam, na montanha,
O cântico da Terra ; e, para ouvi-los,
Baixava o céu infindo, sôbre os píncaros,
Transparecendo pálidos desmaios
Sua brandura azul, mimosa, etérea...

Vinham sombras do poente ; e do levante
Anunciadoras luzes ; e os fantasmas
Terrestres e os espíritos divinos,
Para os ouvir cantar.

Adão, ao lado de Eva, percorria
A planície sem fim do seu Desejo...
Esse desejo de remir os homens ;
De lhes abrir a porta, que êle, outrora,
Fechara, com a chave do seu Crime.

E lastimava, triste, o seu passado.
E bendizia o instante de aflição,
Em que a Dôr evidente lhe falou,
Pela bôca abrasada de Caím.

E bendizia a Aurora, que dissipa
Os mêdos e os espectros, retocando,
Com suas mãos de rosa, as linhas puras
Da Realidade simples, natural.

E bendizia o sol revelador
Da sagrada alegria, que alimenta
O belo esforço humano, — e é côr vermelha,
Ê riso, é sangue vivo !

E bendizia o luar que, nos seus olhos,
Deixou a imagem santa da Tristeza
Que embrandece, por dentro, as duras pedras ;
E os robles humaniza e veste de asas
As fontes, os perfumes e as canções...
Tristeza que é ternura, simpatia,
Esparsa pelas cousas... Sentimentos
Que ficaram, no mundo, desde a origem,
Inertes e apagados ; e, por isso,
Procuram nossa alma, embora estranha
E imprópria para dar-lhes corpo e vida...

E bendizia a dôr, a lua, o sol
E a terra da Saudade, que a Saudade
Era a anímica fôrça que o levava,
Em direcção do novo Paraíso...

E a Redenção sublime do Universo,
Ei-la gravada, a fogo, em seu espírito,
Soturno e torturado, como estrêla,
No pano escuro e lúgubre da noite...

Não temia Satan nem a Serpente.
De resto, os seus amigos
Eram grandes Demónios inspirados,
Sonhando o mesmo Sonho redentor.
Suas garras nasceram
Para tanger a Lira ; e Adão sabia
O mágico poder dessa arma heróica,
Cujo tremendo som domina as feras,
Encanta os arvoredos e alevanta
Muralhas de cidades.

E, triste, vagueava, ao lado de Eva,
Renascida e liberta,
Desde a terrível hora, em que seus olhos

Baixaram, em ferida, sôbre o espectro
Do Filho condenado...

Nessas horas, profundas, decisivas,
Criadoras de estrêlas e de mundos,
A primeira Mulher, irmã dos Deuses,
Fêz-se a Primeira Mãe ;
E, sôbre a sua carne, terra nova,
Porque fôra cavada e revolvida
Por êsse cavador, — o sofrimento,
— Aflorou, num sorriso, a Primavera :
A mística Saudade, desvendando
A face de esperança.

E enquanto os outros Demos companheiros
Cantavam, pelos cêrros da montanha,
As árvores, as nuvens e as estrêlas,
— Desciam, ao luar, os dois Amantes
A encosta dum outeiro, sôbre a qual,
Se descobria, negro e erguido a prumo,
Ciclópico rochedo, donde vinha
Maguada voz confusa...

É o pesado silêncio montanhês,
Ondulava, espaiando-se no céu...

A voz! A voz humana!
A voz antifraterna de outras vozes!
Que de tôdas se isola e se destaca!
A voz que tem sinais e cicatrizes,
Dolôrosas, profundas, indeléveis,
De haver pousado na surdês dos Deuses!

Adão e Eva, atentos, se aproximam
Daquela voz sombria, retumbando,

Enchendo de infinita humanidade
Os píncaros e os vales.

E os Dois, muito espantados, avistaram
Um gigante despido e acorrentado
Ao lendário penedo. Um fero abutre
Cravava-lhe, no ventre, as finas garras.
E o seu bico cruel lhe devorava
O esfarrapado fígado sangrento.

Mas o gigante, trágico, impassível,
Dir-se-ia contemplar aéreas núvens,
Gemendo vãs palavras solitárias...

E Adão violento seixo arremessou,
De encontro, ao negro abutre!
E gritava, fazendo largos gestos,
Como quem tenta afugentar as aves...

E logo o estranho abutre, para Adão,
Volvendo o bico em sangue,
Soltou louca e estridente gargalhada,
Abalando, em redor, os êrmos montes
E o terrível rochedo do Suplício!

Eva caíra, branca, num desmaio...
E o pássaro, medonho, continuára,
Indiferente e negro, a triturar
As chagentas entranhas do Titan,
Abismado e perdido na sua dôr...

Adão tremeu, ouvindo o riso agudo,
Sarcástico do pássaro; e tomando,
Nas frias mãos nervosas, outra pedra,
Lançou-lha, com mais fôrça!

Então o abutre, irónico, sorrindo :

«Tu sabes quem eu sou?
Este meu bico enorme que te fala,
Estas soturnas plumas que me vestem,
São da mesma substância fabulosa
Dos Deuses imortaes...

«Sou o Espírito Santo, comprehendes?
E êste imenso gigante que tu vês,
Ê a seara viva, o pão da minha fome!

«Tu podes atirar-me quantas pedras
Existem, pelo mundo... que elas foram
As migalhas do meu primeiro pão.

«Foi tempo em que jantava as pedras duras,
E no fogo matava a minha sêde!

«E devorei as árvores das florestas
E os monstros mitológicos...

«Mas eu prefiro agora a branda, humana,
Quási divina carne.

«Êste pobre gigante
Subiu, um dia, ao céu, nas minhas asas.
Fui seu cúmplice, outrora, nesse Roubo,
Perpétuamente acêso, sôbre a Terra.»

E o pássaro, ao findar estas palavras,
Emudeceu, pendendo o negro bico,
Scismático e comprido.

Depois, batendo as asas, e acordando,
Varrendo vagas sombras da memória :

«Vou dizer-te o que nunca te disseram
Os poetas da Fábula!
Sabes quem é que espera a liberdade?
Sou eu, não é o gigante.
Sou eu, — o fero abutre;
Sou eu, — o Santo Abutre carniceiro!

«Sou eu que sonho libertar-me destas
Entranhas dolorosas...

«Quero ser livre, quero voar, voar!...

«Quero sentir o vôo da Liberdade,
Que a liberdade imóvel é prisão!

«Sou eu, sou eu, que vivo prêso ao Corpo!
Sou o Espírito Santo agrilhado!»

E deixando o gigante de sofrer
As terríveis picadas que o torturam,
— Lentamente movera os olhos tôrvos,
Como se despertasse de algum sono,
Profundo e secular... e murmurou
Estas êrmas palavras: — Onde estás?
Onde estás, minha alma? Não te vêjo!

E o condenado abutre, sacudindo
Do bico a sua scisma,
Voltou, faminto e negro, a devorar
O fígado sangrento do Titan.

Adão, levando a Amante, nos seus braços,
Retirou-se, por fim, dêsse rochedo,
Também agrilhado à sua inércia...

E durante o caminho para os altos,
Onde haviam ficado os Companheiros,
Pensava Adão nesse homem misterioso,
E tão intimamente seduzido
Pelo encanto diabólico da Dôr...
E a gargalhada rútila do abutre,
Ilusória e insistente, perseguia
Seus ouvidos febris, como se fôsse
O mesmo espectro trágico do Riso!

XVI

A lírica falange demoníaca
Erguem vôo, na amplidão, daqueles montes
Lendários... Novos céus
Cortara com as asas ; novas terras,
Debaixo de seus olhos, estenderam
A arborizada e verde superfície...

E a falange voava para os santos,
Celebrados e bíblicos lugares,
Onde Élohim lampeja nos trovões,
Ou murmura no zéfiro da tarde...
E sobe à flor de místico sorriso,
E, num olhar efémero de amor,
Se faz eterna luz.

A terra só atinge o claro Olimpo,
Quando, em suas entranhas, gera e cria
Alguma Divindade ; quando, nela,
A grande dôr humana
Levanta, para além dos próprios astros,
Uma nova altitude espiritual.

Deus está na paisagem do Deserto.
É ali que êle aparece à criatura :
Ali, na solidão e no silêncio...

O êrmo é o altar de Júpiter,
O reino de Jesus, trono de Osíris,
Templo de Jéovah...

Os Demónios fiéis a Satanás
E os revoltados Demos infiéis,
Seguiam, no ar azul, o mesmo rumo :

Uns, vindos lá da Aurora,
Tendo rosas de luz amanhecendo
Na escuridão das asas.
Outros, do escuro ocaso, ainda envoltos
Em sombras do crepúsculo.
Outros, do morno sul, do frio norte :
Aqueles, ainda todos gotejantes,
Como nuvens de chuva ;
Êstes, com asas negras, salpicadas
De alvos flocos de neve...

E, num vôo largo e sôfrego, voavam
Em direcção à serra do Tabor,
Donde êles, novamente, baixariam
Aos antros infernais.

Entretanto, Satan, os esperava,
Ansioso e cobiçoso...
A Cobra segredara-lhe que o dia
Do Juízo Final estava perto :

«Toquei, na estrêla Sirius, com a ponta
Da minha cauda, e a estrêla desmaiou...

«Toquei também no sol... Etéreos raios
Da sua corola de oiro despegaram,
Como, no outono, as pétalas já mortas...

«Toquei depois no coração do mundo,
Gelado e enfraquecido...

«Eis o Sinal dos Tempos...»

A Cobra fina e sábia,
Perante o orgulho surdo do seu Amo,
Poucas vezes, falava na aventura
Herética e profana
Dos líricos Demónios.
De resto, o diadema gostou sempre
De beijar e abraçar a ingénua fronte
Do seu Rei, que era ingénuo, como tôdas
As pessoas cruéis ou amorosas...

Nem mesmo Satanás acreditava
Que houvesse alguém rebelde
Ao seu poder imenso de Senhor,
E por graça de Deus, do próprio Deus,
Que lhe deu, fulminando-o, o império trágico
Da Lágrima e da Noite.

E enquanto as belas tropas demoníacas,
Como sombrios esquadrões alados,
Vôam para a fantástica montanha,

— A terra humana e viva,
Sente crescer as íntimas sementes,
Há pouco, semeadas; e estremece,
Com as dôres do parto,
Como a terra insensível, a outra terra,
Durante os terramotos.

E as criaturas contemplam, doloridas,
A negra flôr do Mal que delas nasce;
E, inertes e vencidas, para o chão,

Voltam o rosto lívido e sinistro.
Os seus olhos, turvados e indecisos,
Não querem revelar, ao sol divino,
O crime, feito imagem, que por êles
Dir-se-há que nos espreita...

E outras, ficam doiradas de alegria,
Ante as flôres do Bem que, na penumbra
Da sua vaga intimidade, afloram,
Como estrêlas de luz, inesperadas,
Riscando o céu nocturno.

E, aflitas, não conseguem descobrir
O sítio donde manam
A treva, o luar, que, súbito, as espanta,
Coroando-as de espinhos ou de flôres...

Qual a origem do Bem? Qual a do Mal?
Em que profundidade existe o veio
Das lágrimas salgadas? De que alturas,
Desce a asa luminosa dum sorriso,
Para pousar, cantando, em nossos lábios?
Donde vem esta fôrça, escura e cega,
Que mata, que destrói? Mas donde vem
Êste ímpeto sagrado que nos leva
A sofrer, como nossa, a dôr alheia,
E que nos tira a túnica, vestindo,
Com ela, os pobres nós e miseráveis?
Donde vêm estas fôrças misteriosas?
E os rastos de prazer ou de amargura
Que deixam, para sempre, em nossa alma?
São geradas em nós? Provêm de nós?
Ou são duma remota e estranha fonte?
Ou descendem do nosso casamento
Com a sombra das pedras e das árvores?

Êrmos ventos do Espírito profundo,
Quem sois? E donde vindes? Para que
Tomais o nosso corpo, em vossos braços?
E lá partis, em doido turbilhão,
Através de relâmpagos e nuvens,
Por um céu de mistério e tempestade!

Ah! para que assoprais ao fogo ardente
Que nos converte em cinza e esteril pó?

Aonde ides, êrmos ventos? Para que?

Os homens interrogam
A sua própria sombra, que parece
O fantasma dum ser, que ainda está vivo!

Mas o vento diabólico
Arranca-lhes dos lábios estas pobres,
Dramáticas palavras,
Sem dó, esfarrapando-as e espalhando-as,
No ar, a rir, a rir...

Uma nova Esperança vai na Terra,
E vai também um novo Desespêro...

Cada alegria nova que desponta,
Já, do outro lado, traz a vera efígie
Duma nova tristeza...
Assim, a sombra angélica dum berço,
No chão, recorta a bôca dum sepulcro.

A etérea luz de virginal sorriso,
Tocando em dura face impenetrável,
Arrefece, anoitece e quási chora.

Só é pura e perfeita uma alegria,
Quando nada a interrompe no seu vôo
E tudo, diante dela, é transparência.
Mas se bate de encontro a qualquer coisa
De opaca densidade,
Desfalecendo, cai, e é sombra morta.

A semente que os Demos semearam,
Germina e cresce, em ondas de verdura!
Alta maré de venenosas flôres,
E de flôres que dão divino mel...

Uma nova Esperança vai na Terra,
E vai também um novo Desespêro...

XVII

Adão, a sua Eva e os Companheiros,
Foram surpreendidos por estranha
Visão misteriosa ; — o busto enorme
Do sol reanimou-se ; era a figura
Dum Deus, dum novo Deus...

Os Demónios, surpresos,
Pairaram, algum tempo ; e as suas asas,
Que a matutina luz bordava em oiro,
Tremulavam de viva comoção,
Como bandeiras, no ar azul, ao vento.

E avançaram depois,
No éter redemoinhante, em alvoroço,
Ferido pelas asas cortadoras.

E quando, enfim, desceram, novamente,
As bíblicas alturas do Tabor,
Bruxuleiava o dia, quási extinto.

Os Demos de Satan
Já cobriam as áridas encostas,
Cansados de voar ; e recordavam
Grandes bandos de corvos, levantando
O seu perfil, sinistro e escurecido,
Na penumbra agoirenta do crepúsculo.

E logo, Adão e Eva se dirigem
Para a entrada soturna da caverna,
Situada no mais alto
E penhascoso cêrro. E no caminho,
O plutónico Chefe lhes narrou
As heróicas vitórias alcançadas...
E ria-se, contando peripécias
Da conquista das almas, e o desgosto
Dos Anjos bons da guarda, que batiam,
Em triste retirada, cabisbaixos,
Pendendo as asas brancas.

E o seu riso grosseiro ia de encontro
À tristeza de Adão silencioso...

E o Chefe continuava :

«Ah! fartura como essa do dilúvio!
Mas esta, creio bem, será maior...
Dou graças aos meus olhos vigilantes,
Perpétuamente abertos para o Mal,
Para a divina causa de Satan!

Em grupos sonolentos, os Demónios
Falavam, entretanto...
Suas vozes confusas, indistintas,
Punham poeiras de som, na palidez
Da noite que subia...

Eva sentou-se, à entrada da caverna,
E sôbre a mesma fraga, donde viu
Desabrochar a luz da madrugada.

E agora, contemplava, absorta e triste,
O declinar do sol.

Qual multidão de formas, desenhando-se
Na bruma que se apaga,
Surgiam-lhe lembranças, na memória,
— Esse espaço cavado em sepulturas,
Com datas já remotas e epitáfios,
Alguns dos quais delidos pela chuva,
Trilhados pelo tempo...

Surgiam-lhe lembranças, na memória,
Bailando-lhe, nos olhos, como sombras,
A flôr da água inquieta...

Recordações! Lembranças! Criaturas
Viventes, com seus gestos animados
E palavras, que se ouvem no silêncio...

Eva scismava... Imagens de mulher
Perpassavam na bruma da sua scisma...

E, entre elas, descobria a Virgem Mãe
E a Morte a separá-la de seu Filho!
E via a Deusa eterna;
Vénus de róseo corpo amanhecido,
Purificado pelo fogo astral
Do beijo, que o queimava...
E via Joana d'Arc, iluminada,
Volver o rosto alegre
Para a Visão divina da sua alma.
E viu Santa Tereza de Jesus,
Naquele céu dramático da Ibéria,
Todo feito de chamas infernais...

Mas, depressa, as Figuras faleciam,
Na torva rouxidão crepuscular...

E seus olhos saudosos comungavam
A infinita tristeza, que o sol-posto
Derrama, sôbre os montes e os desertos...

Eva scismava... em quê? Não saberia
Dizê-lo claramente...

Quando a meditação se torna assim
Sem margens e sem fundo,
Nela, se perde a nossa consciência,
E ficamos irmãos dos arvoredos.

Ela, a meditação, é o nosso ponto
De contacto com Deus, e nos dispersa,
Por tôda a Natureza... E, nesse instante,
Não somos o que vivê, mas a vida...

O antigo Adão, tocando-lhe na fronte,
Ali, na mesma origem do socêgo,
Da Bemaventurança,
Roubou-a, sem querer, à realidade
Anímica das cousas.

E demorou-se, triste, ao lado dela,
Contemplando a paisagem perturbada,
E sôbre tudo a estrêla, que primeiro
Rompiu a indecisão da luz extinta.

Mas Eva preferia contemplar
Esse vago nocturno, cinza esparsa,
Imaterializando as formas tôscas,
As aparências nítidas, que ferem,
Porque violentamente nos escondem
A vida, em seu anímico esplendor...

Amava o indefinido, o sonho, a névoa;
A face espiritual que o mundo tem...

E não a sua face definida,
Material e densa, que seduz
Aquele olhar granítico dos homens.

E no oiro milagroso do crepúsculo
Adão falou a Eva :

«Esperemos, na terra, o grande dia!
Não desejo voltar ao negro Tártaro,
Negro país de espectros.»

Esta última palavra reacendeu,
Em Eva, dolorosos pensamentos.
E uma torrente súbita de chôro
Trasbordou-lhe dos olhos inundados...
E logo revivera, dentro dela,
A imagem do seu filho criminoso.

E esta imagem, rasgando-lhe a memória,
Evocava um cadáver, todo em sangue,
Sôbre um leito de sedas e de flôres.

A trágica lembrança de Caím
Fazia-a sofrer mais do que sofrera,
Quando o viu, entre as chamas sempiternas.

A lembrança febril duma desgraça
É mais angustiosa, do que o seu
Terrível espectáculo evidente ;
Mas exterior a nós, como a lembrança
É íntima e profunda.

Adão, compadecido e enternecido,
A áurea trança de beijos lhe cobria.

Mas Eva, soluçando :

«Ó meu filho, perdôa à tua mãe
O venenoso leite que mamaste,
Nestes seios de crime e de desejo!»

E Adão, aflito : «Em mim, perdôa à vida!
Perdôa, em mim, à noite originária,
Que a nova madrugada já desponta!»

Estas vozes entoaram, no Infinito ;
E foram, de éco em éco, despertadas,
Nos outeiros dos montes, nos outeiros
Sonâmbulos das nuvens...

Adão, mais socegado, então lhe disse :

«Esperemos, na terra, o grande Dia!»

E Eva : «Sim ; ficaremos, nestes sítios,
Até se ouvir o grito da Esperança!»

Depois, como, de leve, adormecendo,
Baixou a fronte, inerte, para o chão...
Seu magoado espírito materno,
Ferido por horrível pensamento,
Conseguira isolar-se, nos lugares,
Serenos e neutrais, que, por divina
E misteriosa graça,
Existem, dentro em nós, em nosso mundo
Interno e sem limites...

Por isso, a humana criatura, às vezes,
Sob uma dôr feroz e crudelíssima,
Recorda um facto cómico vulgar,
E não contem o riso ! O riso salta
Do coração das trevas !

E, de ao pé dela, o Amante se afastou ;
E subiu ao mais alto da montanha,
A refrescar, no ar gélido da noite,
A testa incendiada, pelo fogo
Donde vira irromper, pingando lume,
A fatídica sombra de Caim.

O céu nocturno, altíssimo, translúcido,
Derramava, nas íngremes encostas,
Uma indecisa claridade virgem,
Como um sorriso vago, que era feito
Das lágrimas remotas das estrêlas.

E Adão, num largo olhar,
Abrangendo a montanha, distinguia.
Os vultos apagados dos Demónios,
Que, ao relento, dormiam, inundando,
De escurecidas manchas, os planaltos,
Os cerros e as quebradas.

E sôbre aquelas negras
Frontes adormecidas e cornudas,
Os sonhos que sonhavam,
Adejavam, etéreos, deslumbrantes,
Todos cobertos de asas côr de neve.

E Adão pensava : olhai... parecem anjos
Os sonhos dos Demónios...

Sim : o corpo é Demónio ; mas a alma
Que nele desabrocha é Divindade.

As árvores em flôr, no mês de Abril,
São deusas para os trágicos penedos.

E as verdes folhas, trémulas, murmuram,
Íntimas orações, quando, nos ramos,
As avesinhas pousam, a cantar.

Eu vejo! Eu compreendo!
Eu vejo a carne viva florescer,
Longe da terra, além...

Vejo os antigos Reinos libertados
No Reino Espiritual...

Eu vejo! Eu compreendo!

Aquele Deus, irado e resplendente,
Que outrora me expulsou do Paraíso,
Não veio sôbre as nuvens;
Veio sôbre a minh'alma, trovejando,
Clamando contra mim!

A mim, me condenei!
Eu mesmo hei de salvar-me!

As ruínas que vi da Idade de Ouro,
Eram meu esqueleto ressequido,
Pelas chamas do Inferno...
Mas nova argila me reveste agora,
Tão animada e tenra e modelada,
Pelas mãos da divina Primavera!

Deus falará, de novo, no meu sêr...

Já se aproxima a hora da Esperança...

Ardem sinais na lividez do céu.
Ígneas frases de agouro, misteriosas...
Anjos cortam o espaço encapelado,
Num vôo de quem procura alguém, no mundo...

Gemem as brancas nuvens sonambólicas,
E tem gestos humanos, de quem ouve...
Pairam vozes, de noite, na penumbra
Alumiada dos templos... As imagens
Dos Santos estremecem, nos altares...
Ignoto vento agita as velhas campas,
E mais acende o riso das caveiras...
E, na ramagem densa dos ciprestes,
Perpassam alvoroços e alegrias...
Erram sombras na lua côr de sangue...
Passou, no Azul, o espectro de Jesus,
Tangendo a lira de oiro...

Eis o que Adão, sonhando, descobriu,
Ali, dos negros cerros, ao tocar-lhe,
Na fronte incendiada,
O beijo nupcial da noite clara.
E a sublime vertigem das alturas
Arrastava-lhe o corpo docemente,
Voluptuosamente, para o abismo,
Sob os seus pés, aberto em fragaredos,
Misturados com sombra...

XVIII

O povilêu diabólico, espalhado
Ao longo das encostas, desejava
O instante do regresso.

E o plutónico Chefe ao velho Adão :

«Concedei-me, Senhor, as vossas ordens...»

— «Vai ; dize a Satanás que não pertença
Ao seu Império negro, mas à terra,
A verde terra mãe que me criou...

«Na Terra ficarei.»

— «Vinde servir a Satanás, meu Amo,
A quem tudo obedece... o mesmo Deus!»

— «Deixei de ser escravo. Apenas sirvo
Minha própria esperança!

«Eu quebrei a grilheta, que era feita
De sombras e artificios...

«A nuvem dissipou-se. Vejo o sol.»

— «Oh! que estranhas palavras!
Heresias! Blasfémias! O ar do mundo
Perturbou-vos o espírito, Senhor!

— «O ar que varre o mundo e aclara o céu,
É que alimenta os homens e os sustenta
A flôr azul da luz, à flôr da vida!

«Lá, no profundo inferno, a gente abafa;
É um túmulo de treva...

«Mas tu não comprehendes o que eu digo...»

«— Senhor! Não delireis! Oh, vinde, vinde,
À frente dos exércitos... Satan
Por vós espera, ansioso e generoso.»

E Adão lhe perguntou :

«Não te lembras do céu? daquele Reino
Etéreo, onde já foste
Um Anjo de asas brancas e felizes?»

E o Demónio dos Olhos, enrugando
A testa arborizada, nesse esforço
Que as lembranças defuntas ressuscita :

«O céu é vaga sombra
Da minha infância... é nuvem indecisa...
Remota... Não me lembro... O céu... O céu...
Perde-se já no escuro... Foi a idade
De pedra dos infernos...

«Só amo o que é presente,
Real e verdadeiro; o mais é fumo,

Lunáticas visões de quem delira,
Loucuras, devaneios...»

E Adão, retendo um gesto de desprezo :

«Vai : cumpre o teu destino,
Alma estéril e morta, que não vês
A florescência espiritual das almas
Viventes e fecundas.
Não vês porque não crias ; e, portanto,
És um descrente, e ris como as caveiras !

«Os teus olhos são vivas ironias,
Que Deus cravou, sorrindo, no teu corpo,
Quando essas asas brancas se fizeram
Negras e de morcego...

«Vai, cumpre o teu destino», concluiu
Nosso Primeiro Pai, que se afastou
Do Chefe cabisbaixo e macambúσιο.

E Adão e a sua Eva,
Da entrada da caverna, contemplaram
A partida do exército plutónico,
Que, a uma voz do Demónio Visionário,
Levantou vôo, na escuridão da noite.

Ao receber Satan, no seu Império,
As numerosas tropas,
Cobertas de poeira e de prestígio,
Não encontrou Adão ! Desesperado,
A arder em surda raiva,
Sentiu que, de repente,
Lhe embranquecera o rosto !
E depois de engulir lufadas de ar,
Violentas e abrasadas,

Internou-se no bosque tenebroso,
A fim de se esconder dos outros Demos...

A Cobra, vendo-o, a sós,
E cingindo-se mais à sua testa,
Em sinal de carinho e segurança :

«Pois que esperavas tu? O amor a Deus
É o êrro humano, sim, por excelência!
Pertence à misteriosa criatura,
Que ergue a fronte no espaço e eleva os olhos
Saudosos às estrêlas...»

E Satanás consigo :

— Só me traíu agora ; mas, em breve,
Tornará a conhecer aqueles Lagos...

E apontou para as ondas incendidas
Que, entre verdes folhagens espectrais,
Palpitam, crepitantes e vermelhas.

E segredou-lhe a Cobra :

«Disseste : só agora? Bem se vê
Que tu não sabes, não, de que penumbra
São feitas estas Sombras que da Terra
Chegam constantemente aos teus domínios!»

A irónica Serpente continua :

«Quero-te alegre e forte, que a tristeza,
Neste inferno de pedra e de metal,
É vil caricatura de mulher.

«Tu, que és o rei sublime do Pecado,
O imperador do Riso, não te mudes
Num pobre e lacrimoso Satanás,
Que vai pedir a Deus misericórdia!»

E o desolado Rei, monologando :

«A odiosa traição! Mas esta mágua,
Que êste meu negro rosto empalidece,
Tem outra origem, sim...»

Dizendo tais palavras, recordou-se
Da legenda do Dante, sôbre a Porta,
Apagada das chamas e do fumo :
Era impossível quási decifrá-la!

E a mágica Serpente :

«Quero-te alegre e forte. Não vem longe
O dia em que terás de pelejar,
Corpo a corpo, no Olimpo, contra Deus!
Poste vencido já, na guerra antiga,
Sê vencedor, agora!»

Os animais, errantes, pela selva,
Ouvindo os duros passos de Satan,
Tímidos, ocultavam-se na sombra...
E as almas infantis das avesinhas
Esvoaçavam, aflitas e confusas...

E para além das árvores imóveis,
E geladas de pânico,
E projectando imagens de terror,
No chão avermelhado ;
Através de seus ramos, descobriam-se
Os Lagos fumarentos,

Onde espectros queimados mergulhavam,
Emergindo depois, com dolorosos
Gestos inconcebíveis! E os seus gritos
Cortavam o soturno céu plutónico,
Como as asas de pássaros a arder.

XIX

Mas subamos do Inferno ao claro Olimpo.

A região dos Deuses principia
Onde finda o Universo transitório ;
Lá, onde as suas formas,
Duma illusória realidade bela,
Perdem a realidade, conservando
Apenas a beleza da illusão.

As estrêlas mais altas, para os olhos
Dos Anjos e dos Deuses,
Longínquamente brilham, em funduras
De sombra e de silêncio.

Em volta do palácio de Jèovah,
Velhos, saudosos, parques rumorejam...
E têm lagos e fontes de luar.
E junto dum cipreste,
Vê-se uma estátua mística e velada
De Cristo moribundo.
Até no próprio Reino sempiterno
Da Bemaventurança, fêz o ninho
A sempiterna Dôr!

Mas, para lá dos parques verdejantes,
Sem nuvens, se prolonga
A paisagem edénica do céu.

Eis o reino da Luz, de transparentes,
Azuladas planícies, marchetadas
De rebanhos, que os lindos Serafins
Apascentam e guardam, com seu branco
E dôce gesto de asa...
Amorosas florestas, onde raros
Espíritos eleitos
Vivem, num sonho amigo, a Eternidade,
Surgem, aqui, além, como visões
Da côr que não se apaga, da verdura
Perpétuamente verde.

Surgem, aqui, além, naquele espaço
Indefinido e azul,
Onde há vestígios pálidos de terra ;
Vagas recordações do antigo Cáos,
O negro irmão da Noite...

Eis os Campos Elísios! As Espérides!
O Jardim das Delícias! tudo quanto
De venturoso e belo concebemos,
Feito em viço de flôres, e marulhos
De cristalinas fontes, e sorrisos
De sol, abrindo sulcos de alegria,
Na penumbra que chove das folhagens!

Mas, apesar de tudo, o claro céu,
Depois da queda trágica dos Anjos
E depois do Pecado Original,
É um ermo, embora amável, o que mais
O separa do Inferno povoado,
Profundo e doloroso.

Esta doirada e etérea solidão
Aflige o Deus velhinho, que divaga,
Melancólico e triste, nos seus vastos,

Jardins paradisíacos.
Em seus longos passeios, através
Das campinas azuis,
Os Anjos acompanham-no, cantando
E bailando os olímpicos bailados,
Airosos de elegância e alada graça.
Mas vê-se bem que Deus se não encontra,
Ali, no meio dêles ;
Vê-se que seu divino pensamento
Anda por lá, saudoso e vagabundo ;
Pelo remoto Inferno e pela Terra
Longínqua e pequenina.
E assim fica a scismar... E scisma... scisma...
Esta vida monótona consome-o...
E as rugas, mais as brancas,
Com insistência pecadora, herética,
Vão-lhe cavando a face e prateando
Sua fronte, que lembra um outro templo
Dum outro Deus maior...
Ora isto sobressalta as Divindades,
Que cercam de cuidados e carinhos
O poderoso Deus, que, num só gesto,
Semeara de estrêlas o Infinito ;
O grande Jèovah que, em certa noite
Fantástica do Cáos,
Sonhara o sonho-homem... Beão sonho,
Mas ai! por ser um sonho, se perdeu!

Apolo é o próprio outono ; os Querubins
Pendem as asas brancas, marejadas
De sombras e tristezas...
Orfeu, de maguado, nem sequer
Tange a sagrada lira esplendorosa.
E então, seu filho amado, Jesus Cristo,
Dir-se-há que se converte, dia a dia,
Na mesma negra cruz em que expirou...

Quando aparece agora aos seus Apóstolos,
Já lhes não fala, não, como falava,
Dêses primeiros tempos da Judeia,
Dêses primeiros tempos, em que a luz
Do sol era evangélica e divina ;
E de quando êle entrára, na Cidade,
Entre hossanas! montando um jumentinho,
Que trilhou, através das longas ruas,
Negras de gente ansiosa e esperançada,
Com luminosas patas, verdes palmas.

Nas celestes campinas transcendentas,
Povoadas outrora
Pelos Anjos alegres e felizes,
Hoje, no exílio ou mortos ;
Nessa perfeita e mística paisagem,
Harmoniosa de vozes e canções,
Erram vagos espectros, alvas sombras
De asas, que enegreceram ;
Fantasmas virginais de criaturas,
Que o maldito peccado enodoou...

Ê no meio de espectros que passeia
E vive Jèovah, abstracto e triste,
Como que cego e surdo à luz do Olimpo
E aos cânticos e à música dos Anjos.
E quantas vezes, quantas!
Em seus olhos, há lágrimas de dôr,
Onde fluctuam, frias, desbotadas,
As imagens das cousas que morreram...
Seus olhos, marejados e profundos,
Fazem lembrar sepulcros cheios de água.

E essas ermas imagens, reflectidas
No lúgubre scenário do seu chôro,
Representam-lhe, ao vivo, os mais sublimes

Momentos do Passado :

— O dia em que surgiu, com outro nome,
Do mármore aquecido e palpitante,
Sob o escôpro de Fídias ;

— Esse dia de nuvens e relâmpagos,
Quando a Moisés falou, nos ignios cumes
Brumosos do Sinai!

— E êsses dias de sol, em que mostrava
O divino clarão do seu perfil
As deslumbradas almas dos Profetas!
— E, sôbre tudo, o instante inolvidável,
Em que tomou, nas mãos, o barro inerte ;
E moldou, delirando, aceso em febre,
A misteriosa e estranha Forma Humana,
Que era, afinal, a forma do seu sonho,
Do Sonhador, portanto.

— Tôda essa antiga idade, quando à flôr
Da terra matinal,
Rumorosa, ondulava uma infinita,
Loira seara de Deuses!

E Deus via depois o ser humano,
Transformado num árido deserto,
Mas concentrando novas energias.
E via, com tristeza,
As rugas mais cavadas do seu rosto
E as brancas do cabelo.

Certa manhã, em que êle, pelo céu,
Suas máguas andava distraindo,
Encontrou, de improviso, uma Figura,
Formosa e adolescente,
De brandas formas, prestes a atingir
A máscula expressão...
Dir-se-hia uma donzela dominando

Sua infantil fraqueza feminina ;
E, sôbre ela, erigindo a bela fronte,
Altiva e visionária.

Jèovah ficou surprezo,
Sentindo interromper-se dêste modo
Sua celeste e azul melancolia.

E logo lhe pergunta : «Quem és tu ?
É, pela vez primeira, que te vejo,
Na etérea solidão dos meus domínios!»

E aquele Vulto airoso, pondo os olhos
No chão azul e transparente, disse :

«Eu sou o eterno Deus, o novo Deus,
Que vem dar termo, enfim, ao teu Reinado!»

E o velho Jèovah, sem o menor
Despeito, abençoando-o, lhe responde :

«Os homens ressuscitam, e eu definho...
A terra nova quere a nova planta!»

E o belo Deus Infante :

«Desejo um novo Mundo e um novo Homem!»

E ouvindo tais palavras, Jèovah
Lembrou-se, de repente,
Da sua antiga cólera divina
Feita dilúvio, mar! E descobriu,
Num turbilhão confuso da memória,
Esse medonho e trágico espectáculo
Das águas avançando,
Subindo, devorando as multidões

Caóticas dos Povos,
Já nos mais altos cumes apinhadas,
Recordando, de longe, os próprios montes
Convertidos em gritos e alvoroços!

E, triste e magoado, abandonou,
Num gesto de suprema indiferença,
Seus últimos e débeis sentimentos
De Deus e de Senhor.

Mas ainda lhe disse, ao retirar-se :

«Vais construir, bem sei, teu novo mundo,
Com os restos da minha Criação...

«Tu mesmo viverás da minha morte...»

XX

Adão e Eva dormiam, na caverna,
Deitados sôbre os últimos vestígios
Da Arca e do Dilúvio...

Soturnas horas mortas, pelos montes,
Rondavam, como estranhas sentinelas
Do silêncio infinito que reinava...
A solidão mais êrma arrefecia
Os aspectos delidos da paisagem...
Um zéfiro de agouro,
Respiração mortal da própria noite,
Embaciava os astros...

Mas Eva, de repente, despertada,
Lívica de terror, assim gritou :

«Levanta-te! Não ouves? Um Sinal!»

Já duma núvem negra e lampejante,
Saía a extremidade longa e rubra
E viva da Trombeta.

Através dessa núvem, descobriam-se,
Num esplendor, chimérico e sagrado,
As asas dum Arcanjo.

Um cavernoso som prodigioso
Principiava a encher os altos céus,
O mar profundo e os antros infernais.

Ah, dir-se-ia que tudo quanto existe,
Dentro do brônzeo peito da Trombeta,
Se ia descondensando, por milagre,
Naquele som, terrível e divino,
Que ressuscita os mortos, animando,
Pela primeira vez, tôdas as cousas
Que foram sempre mortas.

A terra faz lembrar um ventre enorme,
Doloroso, parindo, ao mesmo tempo,
Milhares e milhares de criaturas.

E, loucas, se destacam, na penumbra,
Sulcada de relâmpagos sonoros...

E dentre as tôrvas ondas comovidas,
Erguem também o busto
Os naufragos de todos os naufrágios.
E dos corpos lhes fogem essas formas
Cruéis e contorcidas, pelas garras
Ferozes da agonia!
E, trémulos de pânico, em desordem,
Caminham sôbre as águas! E há palavras,
Abraços e delírios!
Almas, cheias de amor, que se perderam
E ao ressurgir se encontram, face a face!
E há mães levando ao colo as suas filhas,
A quem deram, na luta com a morte,
O último desvairado pensamento,
E agora, olhai! o seu primeiro beijo!

E do leito do mar sobem os naufragos...
E um grande temporal de vida humana,

Turbilhonando, paíra sôbre as ondas!
As núvens são os corpos em tumulto!
Os ventos são as vozes ; e os relâmpagos
Os olhares e os risos que se cruzam!

E correm para as bandas, donde vem
Aquele Som terrível e divino!

E dos vales, dos montes, das cidades,
Homens, mulheres, crianças,
Em multidões ruidosas e ligeiras,
Seguem o mesmo rumo da Harmonia.

E doidas flechas de oiro, incendiando
A escuridão celeste,
Desenham, com violência, a negra tinta,
Ao pé de cada viva criatura,
Não sei que estranha sombra!...

Os mortos reanimados! E a expressão
Dos seus olhos de espanto, reduzidos
A pó, durante séculos e séculos,
E agora contemplando o céu e a terra!
Ah! com tudo, tudo! desde a imagem
Da Morte que os fechára, sem piedade ;
Desde a cinza que foram ; desde as cousas
Que êles viram talvez, em outro espaço,
Ao mistério da lágrima final
E à surprêsa fantástica, suprema,
Do acordar para a vida! Ah, como tudo,
Nos seus olhos abertos, transparece
E é a sua própria luz visionária!

Os mortos reanimados, e tomados
De indefinido assombro!

Qual será sua nova consciência?
E que novo sentido encontrarão
Nas cousas e nos seres?

Lá, no profundo Inferno, também vai
Um imenso alvorôço! Foi ali
Que penetrou primeiro o Som terrível!
E logo as pobres Almas, escapando-se
As chamas quási extintas,
Voaram, para o mundo, a procurar
Seus corpos redivivos.

E como um raio cai, aos nossos pés,
Caíu, no vulto negro de Satan,
O grito agudo e fundo da Trombeta!
E ei-lo que assiste, gélido, impassível,
Aquele desvairado e alucinado,
Vertiginoso despovoar do Inferno!

A Cobra, que lhe cinge a larga fronte,
Deixa pender a ponta da sua cauda,
Desfalecida e triste.
Vê-se-lhe a língua em flexa, nos seus lábios
Mortais, cobertos de lutuosa cinza
De antigas ironias apagadas.

O silêncio bendito e a solidão
Bendita, sombras lívidas, baixaram
As regiões da Febre e do Tumulto...

E a cruz de rubros Lagos
É a negra cruz do Êrmo, a cruz de Cristo,
Horas depois da trágica descida
Do divino Cadáver.

E enquanto o som fecundo da Trombeta
Se derrama e divide, no Infinito,
Em raios e coriscos de harmonia,
Dos sepulcros fendidos, se alevantam
Os Mortos, que ressurgem, no vigor
E no frescôr e no esplendor da aurora!

Aqueles que morreram, na velhice,
Firmam-se agora, novos, sôbre a terra,
Tôda alagada dos suores do parto.

E as tenras criancinhas
Correm, atrás dos pais ; e, nos seus olhos,
Levam a própria imagem do Prodígio!

E quando, surpreendidas, acordaram
No seu gélido bêrço sepulcral,
Logo disseram, trémulas de mêdo :
— Mamã! — E as mães, tirando do seu rosto
Os húmidos lençóis de saibro escuro,
Responderam-lhes logo : — Minha filha!

E, com os filhos pálidos, ao peito,
Saem as mães dos túmulos abertos.

E as pobrezinhas noivas, falecidas
Durante o seu noivado,
Aureoladas de beijos e canções,
Perdem-se na penumbra, que recorda,
Envolvendo seus corpos madrugantes,
Velho e funério crepe mortuário,
Salpicado de rosas.

E os poetas, os doidos e os lunáticos ;
Os duros egoístas, que interpõem,

Entre êles e o Universo, a sua sombra
Opaca, impenetrável... Os guerreiros,
Os amantes, os pobres de pedir,
Vão, através da noite e dos relâmpagos,
No terror abismático das trevas,
Em direcção do Val' de Josafat.

E as aves carniceiras
E os meigos passarinhos infantis,
Em doce companhia, vão seguindo,
Pelo ar, o mesmo rumo.

E, em verde companhia, vão as árvores ;
E os seus ramos agitam-se, falando
E semeando flores.

E vão os negros Démos, já libertos
Do Tártaro profundo.

O escravo, ao despertar,
Não encontrou, no túmulo, a grilheta,
Nem o faminto a fome!

E os incompreendidos e os que amaram
E foram odiados, — tão afeitos
À angústia tenebrosa,
Encaram o terrível Espectáculo,
Serena e alegremente...

E outros sepulcros se abrem, com fragor,
E novos corpos surgem ; e alguns dêles
Mal convertidos inda em sangue e carne,
Com mãos de terra e manchas minerais...

E aparecem, no mundo, olhando, em volta,
Indecisos, tremendo, porque a sua
Humana consciência,
Não de todo acordada, hesita ainda,
Entre a sombra da morte e a luz da vida.

E são grandes cidades populosas
Os tristes cemitérios,
Com êrmas avenidas, onde apenas
Divagavam a lua, o outono, as sombras...

E as imagens dos Santos, nos altares,
Ressuscitam dos mármore antigos
E dos velhos marfins, em que o escultor,
Sonhando, as esculpiu...

A obra de arte perfeita se transforma
No ser vivo que o artista imaginou...

E tudo que há de vago e de invisível,
As cousas mais humildes e apagadas,
Tomam nítida forma, alto relêvo,
Lembram fisionomias palpitantes.

E as mortas alvoradas, já no céu,
Voltam à sua luz de virgindade,
Ao seu botão de rosa amanhecente...

Vêm, com elas, as mortas cotovias,
As quais o som divino da Trombeta
Restituira as deslumbradas asas!

Voltam as velhas flores,
Trazendo nova côr e novo aroma;
E, nos tenrinhos cálices de mel,
Pousam abelhas de oiro...

Voltam as velhas fontes que secaram,
No meio de marulhos e murmúrios
E lípidas frescuras...

Voltam as velhas noites de luar ;
E os velhos rouxinóis que, à sua luz,
Deram a vida em sacrifício ao canto!

E as mortas esperanças ressuscitam
E as mortas alegrias e os amores!

E a multidão é cada vez mais densa
E ruidosa, no Vale de Josafat.

Ali chegam, em ondas de dilúvio,
Os clamorosos Povos ressurgidos...
Chegam, em grossas ondas
Chocando-se, violentas, apesar
Da vastidão do mundo...
E sussurram palavras que não dizem,
E gesticulam, como, ao vento, as árvores!

E o Arcanjo da Saudade, meio envolto
Na bronzeada névem,
Toca, sem descansar, e num delírio,
A mágica Trombeta. E as suas asas,
Iguais a dois relâmpagos,
Num infinito vôo cristalizados,
Pairam, no céu turvado, apocalítico,
No espaço enegrecido, pelos fumos
Que, libertos, em doidos turbilhões,
Subiram dos abismos infernais.

E enquanto homens, crianças e mulheres,
Se amontoam, no Vale de Josafat,
Esse banco fantástico de réus,
Adão e Eva assistem a outro Drama...

Ao lado do Anjo que vencía a Morte,
Trespessando-lhe o peito, com as setas
De harmonia terrível e sagrada,
Que abre fontes de vida sempiterna,
Nas estrêlas, nos flancos dos rochedos,
Nas soturnas abóbadas plutónicas
E nos cadáveres hirtos ou desfeitos ;
— Ao lado do Anjo, que vencía a Morte,
Viam-se dois gigantes batalhando.

Era o primeiro um vulto adolescente,
Hércules juvenil de claro olhar.
Ao manejar a lança,
Forjada em sol radiante, o seu cabelo,
Solto, no ar, formava-lhe uma auréola,
Em tórno do seu busto ameaçador.

Era o segundo um grande e negro vulto,
De grandes, negras asas distendidas
Que o ajudavam nos ímpetos guerreiros.
Com as garras aduncas segurava
Uma espada de treva, furiosa !
E uma cobra, cingindo a sua fronte,
Manejava também, contra o inimigo,
A língua venenosa, em flexa aguda.

Tinha Satan, nos olhos, duas brasas,
Tal a raiva infernal que o consumia !
Ao passo que, nos lábios do gigante
Luminoso, brilhava o riso heróico,
O riso dos que esperam a vitória.

E os dois gigantes, trágicos, lutavam,
Encarniçadamente, disputando,
Palmo a palmo, o terreno apeteçido.
E lançadas de luz e espadagadas

De sombra, se cruzavam, furibundas,
Naquele negro céu de apocalipse!

Agora, avança o lívido gigante...
E dir-se-há que a Trombeta desfalece,
E que a Ressurreição, tremendo, hesita
E, pálida de medo, bruxuleia...

Mas logo, numa forte arremetida,
O divino gigante luminoso
Faz o gigante negro recuar!

E a Trombeta é chimérico dilúvio
De som! E as sepulturas se entreabrem,
E os derradeiros Mortos ressuscitam.

XXI

Vê-se que o sol nasceu,
Porque as trevas nocturnas aclararam ;
E o seu disco, velado de penumbra,
Percebe-se na abóbada infinita.

E agora que aparência tem o mundo!
É qual estátua cósmica, vivendo
A vida que tocou, que penetrou
Tôdas as cousas brutas e insensíveis.

Ao som maravilhoso da Trombeta,
Sucederam sussurros e murmúrios
De vozes... São os mortos ressurgidos,
Falando... a vaga humana em movimento...
E as palavras das núvens e das árvores,
E os deslocados montes e os penedos,
Retomando, de novo, o seu lugar.
E são ainda os Démos fugitivos
Dos antros infernais ; em turba-multa,
Caminham, com os Povos, para o Vale,
Onde os túmulos santos dos Profetas,
Abriram suas tampas seculares
A nova luz que veio sôbre a Terra.

Mas as vozes confusas e os sussurros,
Depois daquele temporal sonoro,

Lembram carícias leves de harmonia,
Nos ouvidos dos homens, abalados
Até ao próprio inferno das suas almas!

O Arcanjo da Trombeta abandonara
O espaço adormecido,
Num brando sono de êxtase, onde o sol
Vagamente aflorava, como em sonhos...

Adão e Eva, cumprindo a mesma lei
Divina, dirigiram-se também
Para o Vale do grande Julgamento.

Percorreram ruidosas multidões ;
Umhas, em atitudes agressivas ;
Outras, indiferentes, sem olhar...

— Vêde a Mãe do Pecado! — assim gritavam
Desgrenhadas mulheres. E alguns homens
Diziam para Adão : — Porque nos deste
O nascimento e a morte? —

Nossos Primeiros Pais, algumas vézes,
Caminhavam no meio de impropérios.

Já na viçosa encosta, que domina
O tumultuoso Vale, cheio de gente,
Está, radiante e belo, o Deus infante.
Dum lado, tem o Arcanjo da Saudade ;
E, do outro lado, um lírico demónio,
Liberto e angelizado, que sustenta,
Nas mãos de neve, a trágica Balança.

Misterioso momento nunca visto!

Os apinhados Povos rumorosos
Esperam, inquietos, a abertura
Da Divina Audiência.

A ansiedade perturba os corações,
E a fria palidês tôdas as frentes.

Tem o silêncio agora de profundo,
O que teve de altura o som ardente
E vivo da Trombeta.

Se é um abismo fantástico o silêncio,
A harmonia é fantástica altitude!

Só, no colo das mães, as criancinhas
Choram, de quando em quando, recordando
Imensa multidão, num grande templo.

E vendo o novo Deus Adão e Eva,
Chamou-os, em alta voz, e lhes falou :

«Vós sois aquele barro quebradiço,
Que meu Pai amassou, nos velhos tempos?
E ao qual um outro Deus não conseguiu
Dar têmpera mais forte?»

«— Eu sou, responde Adão, aquele estranho,
Terrível animal, por quem os Deuses
Morrem crucificados numa cruz.

«E as águas do Dilúvio não desceram
Das núvens; mas dos olhos que me viram
Nascer vivo do barro inanimado.

«Eu sou a criatura que se lembra;
Tiro da velha morte a vida nova...

Eis em mim o sêr vivo e o seu fantasma...»

— «E tu me reconheces?»

— «Ês o Deus vencedor de Satanás ;
Mas primeiro tomaste a minha forma,
Para o vencer na guerra. O corpo humano-
Ê a couraça que todos os espíritos
Vestem, na hora da luta...»

— «E acreditas na morte de Satan?»

— «Não creio, não ; é eterno como tu ;
Irá criar, na Sombra, um novo Tártaro,
Tu vais criar, na Luz, um novo Céu.

«Nas cavernas plutónicas se firmam
Os alicerces místicos do Olimpo ;
A etérea claridade
Sobe da funda chama diabólica...

«Conheço o Mal e o Bem ; são dois irmãos
Que, uma vez, se puseram em tremenda
E infindável peleja, simplesmente,
Para que o mundo se tornasse belo!

«O Bem não é, decerto, a tua obra,
E nem o Mal é obra de Satan.»

— «O Bem é Jêováh, o antigo Sonho.
E Satanás, o antigo Mal, venci-o!
Que são o Bem e o Mal? O meu Passado.
Mas eu vejo outra aurora, que se eleva
Acima do horizonte...»

Adão tomara, enfim, perante os Deuses,
Uma attitude heróica e não humilde ;
E disse, num sorriso imperceptível :

«Por isso, Deus não ama
Tanto o Bem, como os homens imaginam,
Nem tanto odeia o Mal, como se pensa...

«Nessa luta feroz, além das núvens,
Tu não quiseste aniquilar Satan,
Mas, sim, precipitá-lo, em novo Inferno...

«Preparaste o reinado a um novo Deus.»

— «Um outro Deus futuro?
Ignoras quem eu sou? Não vês a eterna
Auréola em que apareço? Ah, tu só vês,
Nas cousas, o relêvo
Que lhes imprime a fria mão da Morte...»

E Deus, alegremente surpreendido,
Da louca audácia humana :

«Nenhum daqueles homens, com certeza,
Diria tais palavras!»

— «Eu sou o Homem ; mas êles são os homens...
Eles são o Animal ; eu sou o Espírito!
Posso falar, diante de ti, sem medo.
O Homem fala, rosto a rosto, a Deus!»

E acrescentou depois, olhando o Vale ;
E ao passar-lhe, na trágica memória,
A Noite, o Arcanjo e os Túmulos abertos :

«Nós estamos os dois a igual distância
Daquela tórva multidão, que a Vida,
Na sua última crise fecundante,
Atirou para fora dos sepulcros!

«Como a Terra gritava, com as dôres!
E era belo o seu ventre, dando à luz
Florestas e florestas de criaturas...»

E o claro Deus Infante, simulando
Uma expressão turbada e descontente :

«Não vês a Divindade em harmonia
Com os olhos dos homens...»

— «Vêjo Deus com meus olhos!» disse Adão.

Esse estranho momento e as impressões
Fortes que o dominavam, lhe incutiam
Coragem e altivez ; e Adão sentia-se
O sêr heróico ao pé do sêr divino.

E enquanto as grandes Turbas rumorosas,
Apinhadas no Vale,
Esperavam o instante do Juízo,
O Homem olhava Deus, e face a face,
Erguendo, sôbre a própria contingência
E corporal fraqueza, a bela fronte
Inspirada que o sonho eterno habita.

E Deus gostou de ver o novo Adão,
Porque era um novo Deus, presente e vivo ;
E não um Deus defunto e sepultado,
Na memória dos homens que parece.
Um mausoléu de Divindades mortas.

Mas Eva contemplava o Povo imenso,
Em procura do Filho criminoso.
Aquela sombra em fogo de Caím
Ficou-lhe, nas entranhas da lembrança,
Germinando e crescendo, como um fruto
Da sua dôr materna.

Fôra o remorso trágico do Filho
Que lhe acendeu, no espírito sonâmbulo,
A piedade, a ternura, a suavidade,
Esses três elementos virginais
Que entram na formação misteriosa,
Complicada e nocturna da mulher.

Já retumba, nos montes e nas núvens,
O som relampejante
Da divina Trombeta, anunciando
A Hora do Juízo.

Um estremecimento repentino
Abala aquelas almas ansiosas.

A multidão aflita, o largo Vale,
O Deus Infante e o Anjo da Saudade,
Todo aquele espectáculo tremendo,
Apenas se podia descobrir,
Como através dum sonho ou duma névoa,
Porque o sol se mostrava, no zenite,
Ainda turbado e pálido.

E Deus chamando um homem : «Quem és tu?»

E o homem disse : «O bêrço em que nasci,
Era feito de pedras. Fui, outrora,
Miserável escravo ; mas, um dia,
Tentei partir o ferro das grilhetas !»

— «Eu sei que meu Irmão
Quis partir as grilhetas dos escravos.
Mas preferem os homens, à vigília
Da liberdade, o sono mau do cárcere...»

— «E todavia, consegui parti-las,
Num ímpeto de luz! Precipitei-me,
De alto rochedo, ao mar!»

E, num sorriso :

«Fui, para mim, um Deus libertador!»

— «Vai : põe o teu esforço na Balança.

E a divina Balança estremeceu.

E Deus, chamando outro homem : «Quem és tu?»

— «Um pobre que morreu, há vinte séculos!
Dormi, num sono só, todo êsse tempo!
Dormi, sem pesadelos nem remorsos...
Nem o remorso de matar a fome!
A terra, que desfez meu esqueleto,
Comeu também a minha fome, a qual
Foi, abraçada a mim, para o sepulcro.

«E despertei agora bem disposto!
Perdôa os meus pecados!»

— «E que pecados tens?»

— «Forcei as sacras portas de êrmo templo
Dum Deus, à beira-mar, em sítio lindo...

E roubei uma oferenda preciosa...
Tu não és êsse Deus...
E, por isso, bem podes perdoar-me...»

— «Vai ; mas põe na Balança o teu Pecado».

Um homem, grave e altivo, se aproxima...
A sua frente pálida irradia
Como um fulgor de sombra. E o novo Deus :

«Ah, quem és tu ? quem és ?»

— Dante, o Poeta das Trevas.
Desci, durante a vida, ao negro Tártaro ;
E em maléficis versos o cantei.
Depois, subiu meu Canto à Luz eterna...»

— «Encontraste, no Inferno, a inspiração
Divina ? Que diria Satanás
Do livro que escreveste ? Que diriam
Aquelas pobres almas condenadas,
Baixando das plutónicas fogueiras,
Ao mais profundo inferno do teu Canto ?

«De resto, a Luz etérea de que falas,
Anoiteceu... a treva maculou
A sua eternidade...

«Mas tu nasceste, enfim, para meu Pai...»

— «Senhor ! Julguei que fôsse um Deus eterno !»

— «Eterno ? Eis a ironia dos Poetas !

«Vai : deita os teus pecados na Balança.»

E a sagrada Balança estremeceu.

E, chamando outro homem : «Quem és tu?»

— «Dom Quixote da leal cavalaria!
Meu escudo era a abóbada infinita,
Marchetada de estrélas! E era um raio
De sol a minha lança! Ressurgi
Das páginas dum livro.»

— «E qual o teu pecado?»

— «A minha morte!»

— «Vai : deita na Balança o teu escudo.»

E uma jóvem mulher se aproximou :

«Fui daquelas mulheres que procuram,
Na sua formosura, o pão da mesa!
Que vive de fastio e passa as noites,
A braços com a insónia! E, ao despontar
O riso da manhã, é que adormece
Ou antes, é que tomba, moribunda,
Em seu revólto leito sepulcral!

E os maus sonhos e os negros pesadêlos
Rodeiam-no, dansando como espectros.

«Calquei aos pés a flor da Virgindade,
Com que a aurora da vida me enfeitou!
Lanceia-a a um charco imundo;
Assim às fôlhas mortas faz o vento...»

E o belo Deus infante :

«E quando à nova Luz ergueste a fronte,
A flor da Virgindade ressurgiu

Comtigo. É tôda nívea côr, perfume,
Prêsa no teu cabelo ; e tão perfeita
E pura, como outrora, no passado,
Nesse dia de sol da tua infância,
Em que fôste à primeira comunhão...

«É que as suas raízes
Penetram no mais íntimo e longínquo,
No mais sagrado e oculto do teu sér,
Onde surge a esperança, o amor e o sonho,
E a purpurina luz que sobe ao rosto,
E a ternura que sobe à luz dos olhos...

«Vai: deita na Balança a flor viçosa!»

E a Balança, de leve, estremeceu.

E, chamando outro homem : «Quem és tu?»

— «Sou Filémon, um grego. Era já velho,
Quando morri de riso... porque o riso
Foi doença mortal para o meu corpo.

«Morri de riso, sim, na eterna Grécia,
Por ver, ó Deus, um burro a comer figos!

«Compreendes, ó Deus! a minha morte?»

— «Conheço bem a morte ; é como o lobo
De Esôpo, não te lembras? Se deseje
Devorar o cordeiro apetecido,
Qualquer pretexto, por mais vão, lhe serve!»

— «Nasci na bela Grécia...
Compus comédias, tôda a minha vida!»

— «Sim... morreste de morte natural.
E a morte não seria, por acaso,
A tua melhor comédia?»

— «Talvez. A feia morte, quando a vi,
(O derradeiro olhar vê sempre a morte)
Tinha atitudes cómicas! Bastava
Aquele riso aberto de caveira,
Aqueles mãos misérrimas, só ossos!
Manejando, no ar, a curva Foice,
Que sorria também, ao dar-lhe a luz!

«Ela pôde meu corpo aniquilar ;
Não conseguiu matar o meu sorriso!»

— «Há almas que são ninhos de alegria!
E a alegria, essa irmã dos passarinhos,
Veste-se de alvas asas... e... depois
O que ela quer é voar ; não volta mais
Ao seu ninho paterno ; e vem o tempo
E as chuvas destruí-lo!

«Mas a tua alma protectora, quando
Caiu, desfeita em ruínas, tinha ainda,
Nas suas penas, a alegria implume!»

— «E numa idade velha...»

— «Era o reinado olímpico de Júpiter...
Vai : põe o teu sorriso na Balança.»

E abeirou-se de Deus um personagem,
Mais, do que verdadeiro, imaginário :

«Foi a minha tristeza o meu pecado!
Esta tristeza vã, esta aridez

De espírito infecundo...
Subi, da negra cova, à flor da terra,
Mas não ressuscitei.
Sou lívido fantasma solitário ;
O mesmo que rondava, à luz da lua,
Nas êrmas avenidas, sôbre as quais,
As funerárias árvores alongam
As suas tristes sombras, que parecem
Desenhadas imagens do Silêncio...»

— «Ergue um bloco de saibro, e nele, imprime
Tuas formas passivas de cadáver...
Assim a tua estátua viverá,
Logo que a beije o sol...»

«Viverás, pelo menos, em figura...»

E, para um outro homem : «Quem és tu ?»

— «Sou Fidias ; sou aquele que mudava
Os mármores em Deuses !»

— «Por ventura, acreditas que uma pedra
Se possa converter em Divindade ?»

— «Eu creio, sim, eu creio !»

«E quando o meu escôpro
Cortava os brancos mármores, fazendo-os
Estremecer, viver eternamente,
Diviã mão guiava a minha mão,
Pois era a mão de Júpiter !»

— «De maneira que um homem não é mais
Que um instrumento corporal de Deus ?...»

— «De Deus! Eu creio, eu creio!
Eu mesmo fui apenas uma forma
Do ferro com que Júpiter talhou
Os mármore de Paros.

«Quantas vezes, nas horas do meu sonho,
Sentia, em mim, presente e vivo, Deus!
E, no instante cruel da minha morte,
Vi Júpiter fugir, arrebatando
Consigo a minha vida!»

— «Vai : põe o teu escôpro na Balança!»

E, interrogando outro homem : «Quem és tu?»

— Um triste que viveu a soletrar
Nas almas. E chamaram-me Filósofo...

— «E tu que soletraste?

— «Uma escura linguagem estrangeira,
Que, um dia, traduzi na minha língua...»

«Mas que dizias tu, na tua língua?»

— «Que Deus era mentira e o nosso espírito
Uma ilusão da carne...
E que nada existia, para além
Dos sensíveis aspectos transitórios
Das cousas e dos sêres...»

— «E que dizes agora, ao pé de mim,
Que sou um Deus, — um Deus?»

— «Digo que o sono lúgubre da morte
Não é profundo e bom ; tem pesadêlos...

Ou, então, se, em verdade, ressurgi,
Esqueceu-me o juízo, no sepulcro,
E tudo quanto vêjo, é só loucura!...»

«Vai : põe teu pesadêlo na Balança.»

E chamou Deus um sapo : «Quem és tu?»

— «Um bicho imundo e feio... Amo os recantos
Mais húmidos e as horas do crepúsculo...
E escondo-me, nas sombras, a cantar.
Canto a primeira estrêla, que, de longe,
Parece que me espreita...»

— «Vai : mas põe o teu canto na Balança.»

E, dentro dela, ouviu-se, de repente,
Uma doirada lágrima cair...

Chamou Deus um leão : «E tu, quem és?»

— «Fui um leão, outrora, que assaltava
E devorava os outros animais!
E, farto e satisfeito,
Quando a frescura nasce e é uma carícia,
Na juba dos leões que o sol crestou,
Eu mergulhava a bôca ensanguentada,
Nos límpidos regatos, palpitanes
De estrêlas, que desciam,
Para beber também, ao seio fresco
Dos límpidos regatos...
E, levantando a fronte ao céu nocturno,
Bramia de prazer! A escura selva
Tôda ela estremecia! Tinha mêdo!
Depois, trepava às neves das montanhas.
Eu adorava as grandes altitudes,

A pureza do ar, a vizinhança
Dos astros... Hoje sou, como tu vês,
Um leão que fala a Deus...

Mas eis que sinto
Meu espectro vaguear, nas selvas virgens,
Ermo, feroz, matando e devorando...

«Sim : a ferocidade é o meu espírito!

«Mas quem está presente, ao pé de ti,
Sou eu, sou eu : o leão que fala a Deus!»

E chamando um rochedo : — «Quem és tu?»

— «Um sêr que viu (ai dêle!) o fundo às cousas!
Meu coruscante olhar, em linha recta,
As almas trespassava! E eu vi, oh dôr!
Isso que me tornou gelado, imóvel!

«E quis gritar, dizer... mas a palavra
Caiu-me morta dos lábios já de pedra;
E é agora a minha sombra...

«Passei os longos séculos batido
Das ondas, que espumavam sua raiva
Sôbre o meu corpo inerte; e a minha inércia
Mais atiçava as ondas!

«Mas vomitando chamas, densos fumos,
Ergueu-se, num tremendo desespero,
A praia em que eu, sinistro, repousava!
E encontrei-me, no viso de alto monte!
E vieram grandes águias sôbre mim,
E vieram grandes núvens e relâmpagos...

«Mas ressurgi da morte. O meu espírito
Libertou-se da inércia e da bruteza!»

— «Vai : põe a tua vida na Balança!»

E Deus chamando uma árvore, perguntou-lhe :

«Quem és tu? Quem és tu?»

— «Fui árvore da terra. Floresci,
Aos quatro sóis divinos do Evangelho...
Tenho os braços, pendentes e cansados,
De sustentar os frutos do meu ventre
E os ninhos, cheios de asas e de mêdos!
Quantas esmolas dei a quantos pobres!
Nunca ninguém me disse : agradecido!
Quantas esmolas dei! Quantas promessas
De flores eu mostrava aos viandantes!
E, sem dó, maltratavam-me, depois!

«Mas pesa-me, Senhor, o meu pecado!»

— «E que pecado tens?»

— «A sombra dum madeiro... a cruz de Cristo!

«Estava tôda em flor... Que mês de Abril!
Novas aves cantavam, nos meus ramos,
Ao sol, que me vestia alegremente
De pétalas de rosa. Era a inocência,
A púrpura do místico pudor...
E roubaram-me uns homens, certa noite!
Cortaram-me dois braços ; e, aos meus pés,
Ficaram verdes fôlhas trituradas
E maculadas flores do meu sangue!»

«Oh trágica lembrança! Oh frio outono
De alma, e, por isso, eterno!»

— «Fôste a árvore da Cruz?
Outras já foram árvores de fôrça...
Mas tu quiseste figurar no Drama
Sublime da Paixão! Mas tu quiseste
Ser a noiva dum Deus...»

— «Saudosa, evoco as formas do seu corpo...
Lírio desabrochado em meu escuro
Tronco martirizado!»

— «Oh, que belas palavras têm as árvores!
Vai : põe o teu pecado na Balança.»

E Deus chamou depois um Rouxinol :

«Quem és tu? Quem és tu?»

— «Eu fui um rouxinol dos salgueirais.
Louco, batia as asas do meu canto!
E, cantando, subia, no Infinito.
As estrêlas tirava fios de oiro;
E, com êles, no bico, scintilantes,
Tecia luminosos ninhos quentes,
Na dôce intimidade das ramagens...
E os meus ovos chocavam, por milagre,
Sem o menor calor das minhas penas...»

«Uma noite, ai de mim, pousei, cantando,
Na cruz de teu Irmão...»

— «E não tiveste mêdo ao seu aspecto
Ensanguentado e humano?»

— «Estava morto, imóvel ; e, além disso,
Era tão clara e bela a sua frente,
Que lembrava o luar amanhecendo...
E êsse luar divino embriagou-me
E cantei, tôda a noite!»

— «Bem poderias tê-lo despertado!
Num Deus, o sono é leve, a própria morte
É brando meio sono...

«Vai : mas põe o teu canto na Balança.»

E a sagrada Balança estremeceu.

Chamou Deus um Demónio : — «Quem és tu?»

— «Eu fui dos companheiros de Satan.»

— «Então fizeste a guerra contra Deus?»

— «Sei apenas que amava a liberdade.
Meu sonho era sentir as minhas asas
Seguir, voando, o rumo da minh'alma!»

— «Mas alcançaste a liberdade, enfim?»

— «Jámais : o Céu e o Inferno são dois cárceres :
Um negro e o outro azul...»

— «Não adoras a Deus nem a Satan?
Não és Anjo, portanto, nem Demónio!»

— «Há qualquer cousa, em mim, que nunca foi
Nem Anjo nem Demónio! É qualquer cousa,
Que fala, em nós, dizendo : Tu, meu corpo!
É que fala também ao nosso espírito!

«Ê a Terceira Pessoa, em nós, presente,
A qual, pelos meus lábios, te dirige
A palavra de amor e de revolta!

«Sou eu, sou eu, sou eu! Não é meu corpo,
Nem mesmo o meu espírito... Sou Eu!»

E, chamando outro homem : «Quem és tu?»

— «Nasci na antiga e heróica Lusitânia,
E fui da nobre e leal Cavalaria.
Jurei a Pedro, meu irmão nas armas,
Não lhe sobreviver ; e meu irmão
Fêz, nesse dia, o mesmo juramento!

E Deus chamou por êle : «Quem és tu?»

— «Irmão espiritual, irmão, na vida
E na morte, dêste homem...»

E o Deus Infante ao nobre Cavaleiro :

«Tu morreste na guerra?»

—«Morri, lutando contra a ingratição,
Contra a perfídia, a inveja, contra tudo
O que existe de vil e miserável
Na criatura humana, — e que é só dela!
Morri, lutando! Até ao fim, lutei!
Até àquele instante em que meu corpo
Caíu de cansado e est'alma já tardava!

«Mas a ralé fartou-se no meu sangue!
E babujou meu sangue...»

«Põe na Balança a tua Lealdade.»

E a divina Balança estremeceu.

■ E outra mulher chamando o Deus Infante :

«Quem és tu? Quem és tu?»

— «Inês, eis o meu nome de baptismo;
Amôr, eis o meu nome de natura.

«Amei, amei, amei, perdidamente!
Mas, ai! a Sombra negra, enfurecida,
Apanhou-me, de súbito, e arrastou-me,
Pelos soltos cabelos, para a cova!»

E Inês, olhando a Turba,
Tornou-se branca e trémula, gritando!

E Deus lhe perguntou : «Quem é que viste?»

— «Quem me feriu de morte...»

E Deus chamou êsse homem, que lhe diz :

— «Matei-a, sim! Fui eu! Fui eu, Senhor!
(As palavras saíam-lhe da bôca,
Turvadas, como vinho que referve)
Matei-a, sim! matei-a! O meu punhal
Tocou-lhe o coração, no mesmo sítio
Em que é gerado o amor! Matei-a, sim,
Pelo desejo apenas de matar!

«A alegria feroz do sangue vivo,
Manando duma viva chaga aberta!
Oh prazer de matar!... E todavia
Vê tu como sou triste! Ah, se eu pudesse
Libertar-me de mim? Ficar sôzinho

Com a alegria doida que, em meus olhos,
Punha a imagem do sangue... a flôr vermelha?!

«Vê tu a palidez da minha face!
Meu negro olhar tombando, em linha recta,
Asa amaldiçoada e fulminada!

«E repara depois na minha vítima!
Nos seus olhos azuis! Como êles são
Azuis! e transparentes de inocência!...»

E o novo Deus, confuso :

«A letra de meu Pai é indecifrável...
Suas divinas mãos já lhe tremiam,
Quando escreveu outrora a alma humana.

«Vai : põe o teu pecado na Balança»

E Deus chamando outro homem : «Quem és tu?»

— «Senhor! em pleno século das luzes,
Fui mísero sonâmbulo, às escuras.

«Eu fui um sacerdote de teu Pai.
No altar, durante a missa dos domingos,
Na elevação da hóstia,
Sentia as minhas mãos indiferentes,
Heréticas, geladas! E as palavras
Eternas do Evangelho,
Tinham perdido a misteriosa graça...

«E que secura me queimava! Quantas
Fontes, no vasto mundo, procurei!
Eram tôdas insípidas, salobras.
Não vi essa água gélida que mata

A sêde mais ardente ; essa água límpida
Que brota, a rir, nas belas altitudes,
Das fendas duma rocha ! Ah ! nunca vi
Essa água pura, reflectindo o céu
E as estrêlas, que ficam mais acêsas.

«Vários caminhos percorri ; mas todos
Terminavam num sítio, onde se lia
Êste dizer, escrito em velha tinta
Delida e desbotada : Para quê ?

«Ó trágica pergunta !
A própria essência morta do meu sêr !

«Viver ? Morrer ? Tudo isso para quê ?»

E Deus chamando outro homem : «Quem és tu ?»

— «Vêde um homem que fêz, da sua vida,
O canto do teu Reino ! Mas ninguém
Acreditava no meu canto ! Um pobre,
Inofensivo doido...
Trazia rubras flôres, no chapéu,
E um rosário de flôres, ao pescoço !
E o meu cajado, uma giesta em flôr,
Lembrava a Primavera.

E, em voz alta, cantava, dia e noite,
Ao longo das aldeias... Quantas vezes,
O povo se ajuntava, ao pé de mim !

«E já te via, então, na minha alma,
Como te vejo agora !»

— «A Trombeta encontrou-te despertado.
Vai ; mas deita o teu canto na Balança».

E a divina Balança estremeceu.

E o novo Deus interrogou depois
A Multidão reunida em Josafat,
Nos pratos da Balança, acumulando
O que era vida viva e natural ;
E, em seguida, lançou, nas sepulturas,
Abertas pelo grande Terramoto,
A vida falsa, pior que a própria morte.

E os túmulos, de novo, se fecharam...
Tôda a face do mundo, esburacada
E sulcada de rugas sepulcrais,
Alisou, como a fronte dum velhinho
Que rejuvenescesse, por milagre.

XXII

Finda a estranha Audiência, o novo Deus
Tomou, na mão direita e luminosa,
Os trasbordantes pratos da Balança ;
E, num gesto chimérico e sublime,
Feito do seu divino e heróico esforço,
Arremessou-os ao busto enevoado,
Crepuscular do sol!

E, de repente,
O véu sombrio que o velava, em fumo,
Se dissolveu, na abóbada infinita.

E um dilúvio de virgem claridade,
Mais profundo que o bíblico Dilúvio,
Alastrando, cobriu a Terra inteira!

E o alvoroçado Povo, erguendo os olhos,
Maravilhados, para aquele foco
De luz, que a sua vida reacendera,
Numa voz juvenil, que retumbou
Pelas íngremes serras, exclamava :

— Aleluia! Aleluia!

E ondas do mar, regatos, claras fontes,
Em novo movimento, marulhavam :

— Aleluia! Aleluia!

E leões e tigres, pássaros e lobos
Bramiam e rugiam, com amor,
Uivavam e cantavam, com amor :

— Aleluia! Aleluia!

E os doidos ventos soltos, sibilando :

— Aleluia! Aleluia!

E as brancas nuvens, num murmúrio vago :

— Aleluia! Aleluia!

E estas vozes alegres de esperança
Cruzavam-se, nos ares, e subiam
Na Luz recém-nascida.

Fêz-se um grande silêncio. E a clamorosa
E rediviva Turba,
Cheia de espanto, olhava para Deus.

E Deus falou ao Povo :

«O sol, a terra, os homens ressurgiram.
Assim é celebrado o nascimento
Dum Deus! E sou a carne, o sangue puro
Da nova Fé, da nova Redenção!

«Sou o Espírito vivo, a Primavera.
Vim dissipar as névoas, derreter
Os gêlos. Vim trazer a nova Luz.»

Adão, a estas palavras, se destaca
Da multidão, gritando :

«Expulsou-me teu Pai do Paraíso!
Fechou-me a porta em flôr da minha infância.
Abre-ma tu, agora!»

Neste momento, o vulto da Saudade
Caminhou para Deus.
E todos ajoelharam, conhecendo
O Arcanjo que afastara, dos seus olhos,
O sono mau da morte.

Logo a sagrada Imagem disse a Adão :

«Jámais te abandonei, desde a terrível
Tarde do teu Pecado...
Por isso, voltarás ao Paraíso.»

E ao belo Deus Infante :

«E tu, meu Filho, deixa os homens livres,
No mundo, à luz dos astros.
E lá no eterno Céu, que é a tua Pátria,
Conserva, sempre viva, a fonte clara
Do amor e da esperança ; a clara fonte,
Que nasce duma rocha,
No mais altivo píncaro celeste...»

Adão, surpreendido e comovido,
A divina Saudade contemplava,
Quando Eva, tôda luz, se aproximou.
Vinha no meio de Anjos e de Cantos!
Vinha, num alvoroço, entre relâmpagos,
Por ter visto Caim, na flor da idade,
Radiante da inocência, que lhe deu
O ressurgir da morte!

Era a nova Inocência sôbre a Terra.

Eva encontrou-o assim como êle fôra,
Antes do Fraticídio. Estava ao pé
De Abel, que lhe falava...

Esta alegria de Eva, nós podemos
Apenas compará-la
A alegria de Deus, naquele instante
Em que o seu Verbo, ouvindo-se nas trevas,
Criou o primeiro alvor da madrugada...

E enquanto Adão e Eva, num só beijo,
Aceso como a estrêla matutina,
Casavam, para sempre, as suas almas,
Os Demónios, remidos e libertos,
Subiam já, no Azul esplendoroso,
Batendo as asas, novamente brancas
E molhadas de sol, a escorrer luz...

E o velho Adão lembrou-se dêsses dias
Ansiosos, de dúvida e certeza,
Em que êle voara, sôbre as altas ondas
E os solitários píncaros serranos.

E disse-lhe a Saudade :

«Parte! Regressa, enfim, ao Paraíso!
Cultivarás aquela terra antiga,
Com tuas próprias mãos, restituindo-a
Ao primitivo e mágico esplendor.

Novos frutos perfeitos, aromáticos,
Hão de pender, das trémulas ramagens,
Sem que escondam, na pôlpa sumarenta,
O peçonhento verme do Pecado.
Ninfas de néctar, fontes de ambrosia,

Deslizarão, felizes, entre a fresca
E amorosa verdura marginal ;
Deslizarão, felizes, num murmúrio,
Num sorriso de oferta...

Adão e Eva, seguindo a bela Imagem
Da Saudade, puseram-se a caminho
Do reino da alegria e da esperança.

E pisavam, com santa devoção,
O mundo que, em redor, se dilatava,
Todo em montes do Olimpo e Elísios Campos...

Os pássaros cantavam, nas florestas,
Sem medo às negras aves carniceiras.
Nem os bichos pacíficos temiam
Os enormes leões humanizados...

O Amor as criaturas irmanára,
Em seus ávidos olhos, acendendo
O mesmo olhar consciente, dirigido
Para a altura da Vida luminosa.

Aqui, além, na terra, em pleno mar,
Onde houvesse uma sombra projectada,
Estava lá, presente e vivo, o amor!

Que verde corpo aquele e florescido?
É uma árvore? É o amor!

Oh, que brancura paira sôbre as ondas!
É uma vela? É o amor!

E aquele vulto, divagando, ao longe?
É um homem? É o amor!

O amor, o amor sagrado, que destrói
As distâncias e o tempo, colocando
As almas, sob a luz da mesma estréla!

O amor, o puro amor, lançando espaços
Humanos entre os homens!
Também nos mares, entre as ondas de água,
Há só espaços de água!

O amor! o puro amor! que dá relêvo
E vida própria aos homens, e os distingue
E os afasta uns dos outros, simplesmente
Para os unir no Ser eterno, — o Homem!

Três dias e três noites caminharam,
A luz do luar, dos astros e do sol...
E chegaram à Terra da Promessa,
A porta, aberta já, do Paraíso.

Adão e Eva olhavam, como em êxtase,
Esta paisagem duas vezes bela :
Pela nova esperança, que a floria,
Pela velha lembrança, que a animava
De encanto dolorido...

E recordavam

O saudoso Jardim do seu Passado,
Ressuscitando, enfim, da escura morte,
Dessa fria aridez, que os torturou,
Durante aquela noite, evocadora
De sombras maguadas...

E vêde o novo Adão, no Paraíso!
Na fartura celeste, sob os ramos
Das árvores frondosas!

Olhai a negra treva do seu crime
Alvorar, ser a luz, ser a inocência!
Não a antiga inocência inconsciente;
Mas a inocência de alma, verdadeira,
A perfeita inocência, resultante
Da compreensão de tudo, — que é o Amor!

Olhai o novo Adão, no Paraíso,
Entre as rosas, os lírios e os perfumes
Da sua Primavera Espiritual.

Vêde-o colhendo o saboroso fructo
Da sua clara e idílica alegria!

Vêde-o senhor da edénica Paisagem,
Tôda verde e viçosa de searas,
Que o vento agita em ondas de esperança!

Vêde-o falando e rindo à sua Eva!

Vêde a Mulher eleita! Do seu corpo,
Alto, divino lírio, em forma humana,
Chovem pureza e alvura, sôbre a terra!
E dêle ascende, em névoas, para o céu,
A delicada graça, o fino enlêvo,
A mística ternura da piedade,
A etérea comoção religiosa,
Que é presença de Deus, em nosso ser!

Vêde a Mulher eleita, à verde sombra
Dos rumorosos bosques, namorada
Da Natureza, em flôr, que lhe sorri...

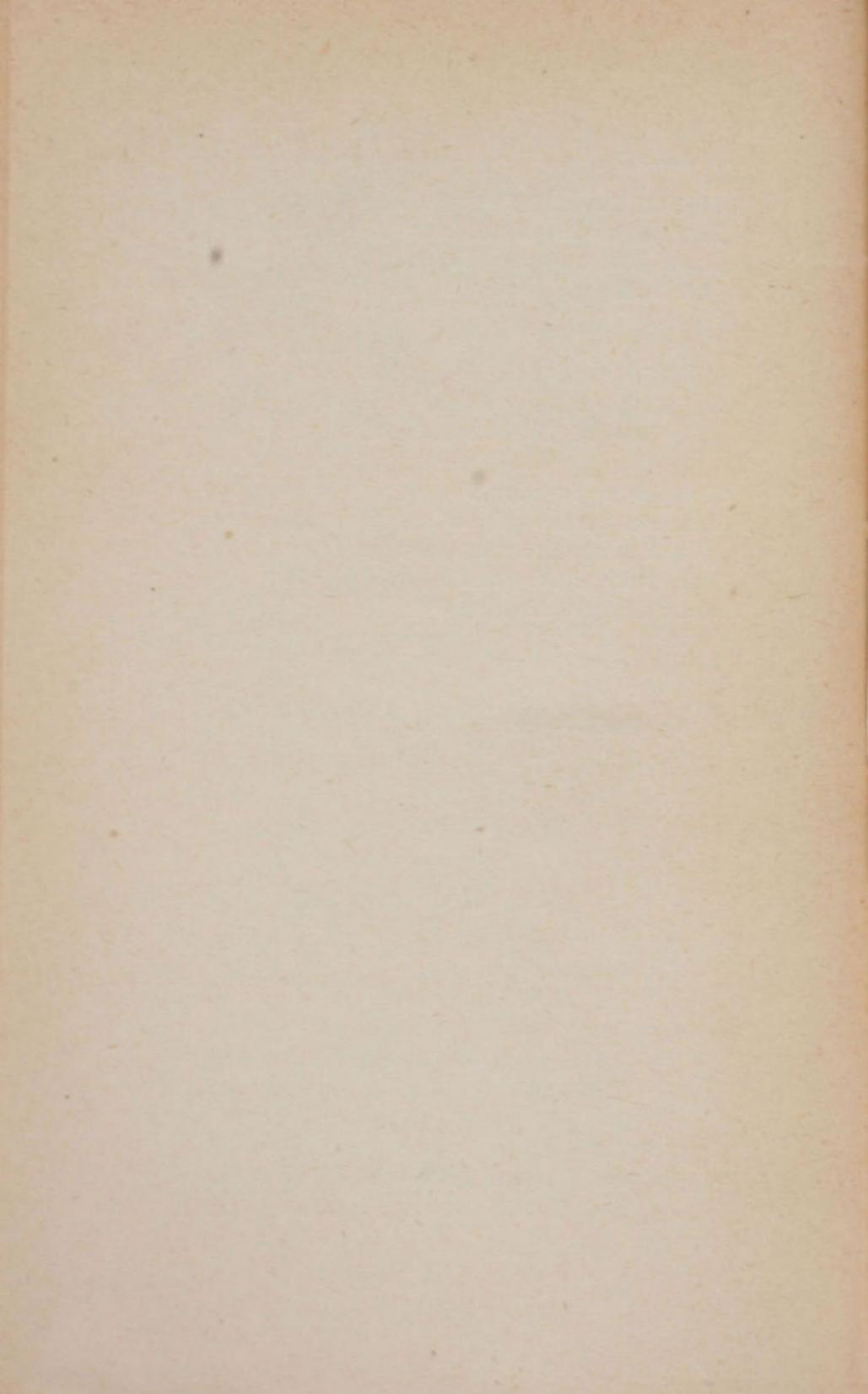
Vêde a Mulher eleita! E vêde o Homem,
Firmando-se, na terra, como as árvores,
E, altivo, olhando os astros, a sonhar!

Vêde o Homem sonhando ; e, pelo sonho
Remindo as êrmas cousas transitórias,
Concluindo a imperfeita Criação,
Que Deus iniciara...

A antiga carne,
Selvática, feroz e com vestígios
De brutas pedras, nuvens e raízes,
Fê-se imortal Espírito divino...

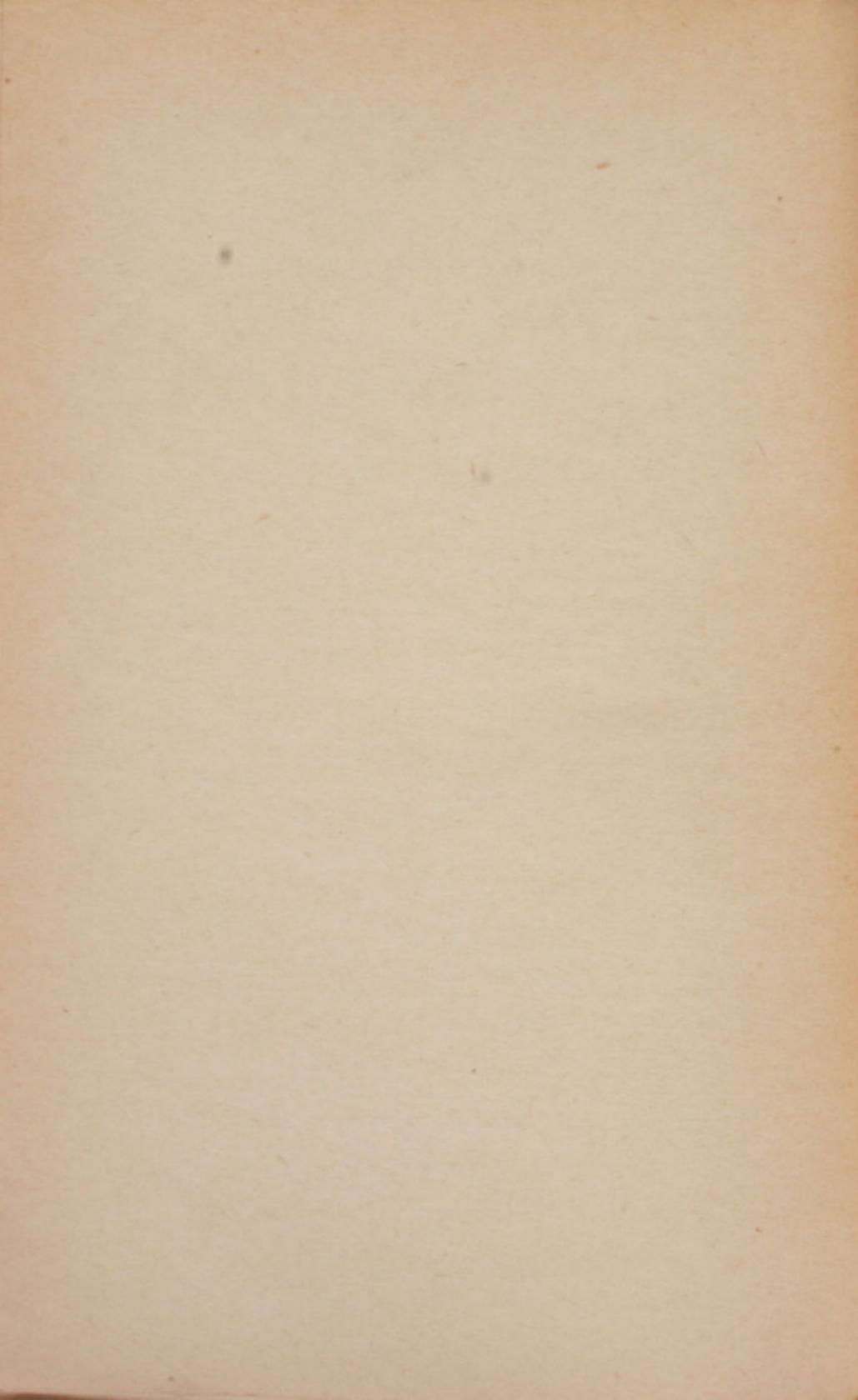
E a árvore da nova Fé,
Levanta, para o sol, os ramos verdes ;
E na amorável sombra que projecta,
Rebrilham, como estrélas, os dois olhos
Da Cobra tentadora.

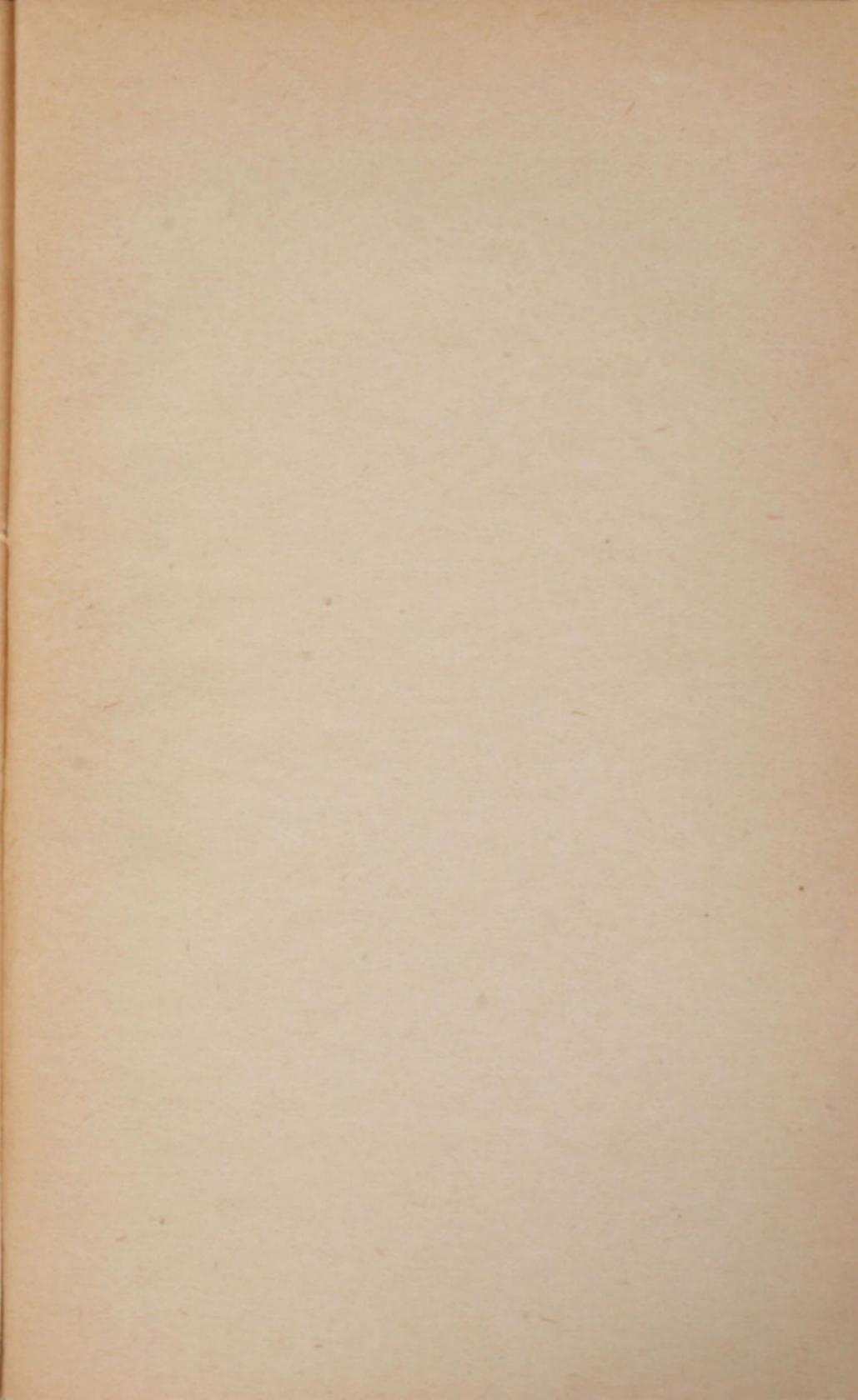
5 Abril — 912.

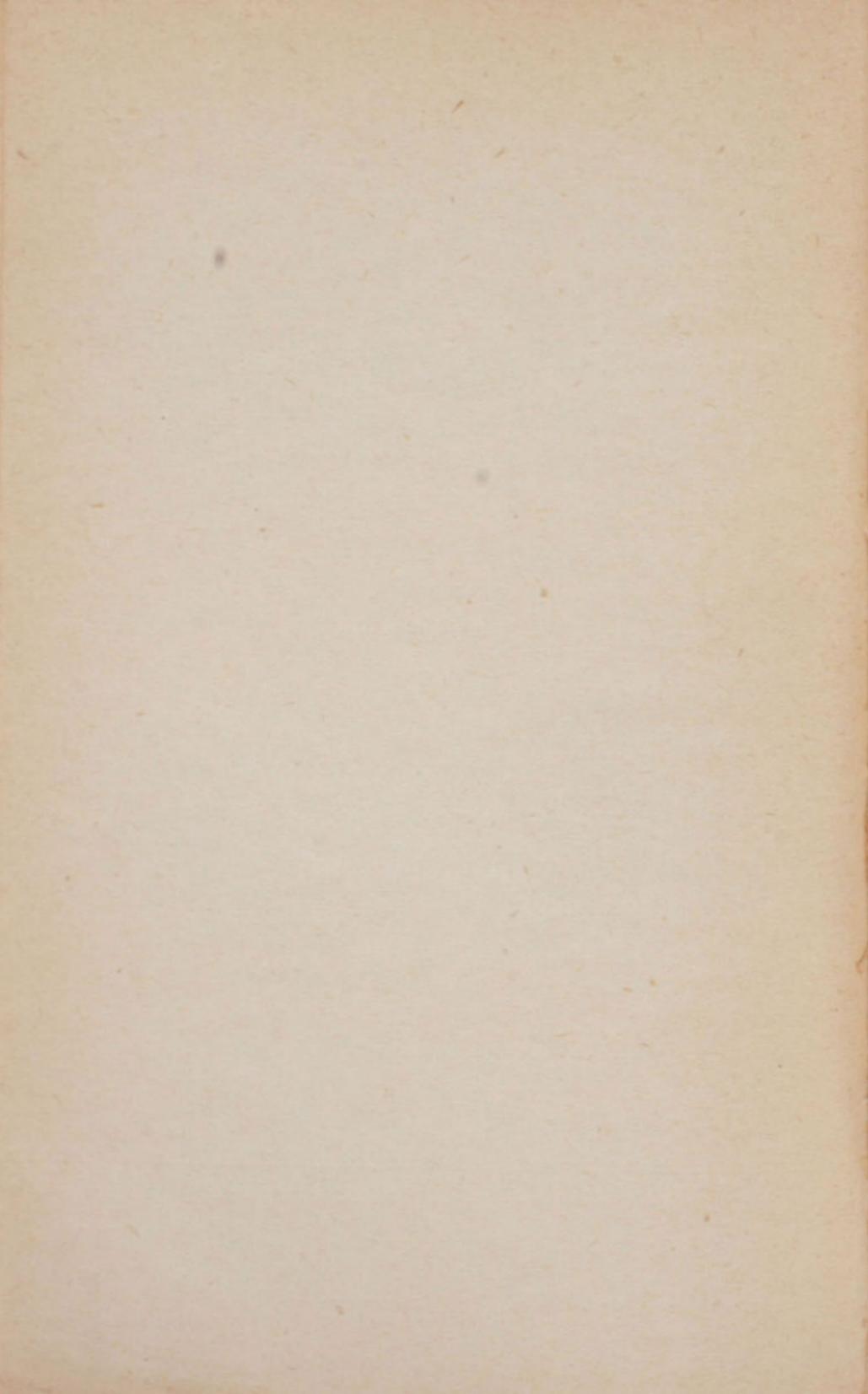


ÍNDICE

	Pág.
I	7
II	12
III	17
III	17
IV	24
V	33
VI	42
VII	50
VIII	55
IX	63
X	69
XI	75
XII	82
XIII	90
XIV	97
XV	102
XVI	110
XVII	116
XVIII	125
XIX	131
XX	138
XXI	148
XXII	172







◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

◆◆◆◆◆◆◆◆

◆◆◆◆◆◆

◆◆◆◆

◆◆

◆◆

◆◆